

10.11606/issn.2317-9511.v43p154-195

# Um glossário dos Estudos de Gênero no Brasil: bastidores de um trabalho terminográfico

## A glossary of Gender Studies in Brazil: backstage of a terminographic work

Marina Leivas Waquil<sup>1\*</sup>

*Resumo:* Este trabalho apresenta a elaboração de “Um glossário dos Estudos de Gênero no Brasil”, um produto terminográfico feito com base na compreensão de que os termos são unidades das línguas gerais que adquirem caráter especializado de acordo com seu uso em contextos especializados. Portanto, utilizou-se a abordagem metodológica da Linguística de Corpus para a compilação de um *corpus* de estudo, bem como para a identificação das unidades terminológicas. O *corpus*, composto por artigos científicos de dois dos mais importantes periódicos da área no Brasil, a Revista de Estudos Feministas e a Cadernos Pagu, foi processado e analisado com a ferramenta Antconc. Além dos 218 termos elencados como entradas, organizados a partir de termos-base, o glossário apresenta contextos explicativos e/ou associativos, notas variadas e um sistema de sistema de cruzamento de informações que conecta os termos do campo.

*Palavras-chave:* terminologia; terminografia; linguística de corpus, estudos de gênero; glossário.

*Abstract:* This work presents the elaboration of “A glossary of Gender Studies in Brazil”, a terminographic product based on the understanding that terms are units of general languages that acquire a specialized character according to their use in specialized contexts. Therefore, the methodological approach of Corpus Linguistics was used to compile a study corpus, as well as to identify terminological units. The

---

<sup>1\*</sup> Doutora e Mestre em Teorias Linguísticas do Léxico pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Tem pós-doutorado pelo Programa de Letras Estrangeiras e Tradução (LETRA) da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: [marinawaquil@gmail.com](mailto:marinawaquil@gmail.com)

corpus, composed of scientific articles from two of the most important journals in the field in Brazil, *Revista de Estudos Feministas* and *Cadernos Pagu*, was processed and analyzed using the Antconc tool. In addition to the 218 terms listed as entries, organized from base terms, the glossary presents explanatory and/or associative contexts, varied notes and an information crossing system that connects the terms of the field.

*Keywords:* terminology; terminography; corpus linguistics; gender studies; glossary.

## Introdução

A pesquisa aqui apresentada, cujo resultado é o trabalho “Um glossário dos Estudos de Gênero no Brasil”, foi elaborada ao longo dos três anos socialmente mais difíceis do século XXI: a pandemia de covid-19. Além dos enfrentamentos específicos em relação à doença, dos problemas vividos pela estrutura de saúde do país, das buscas e negociações por vacina, entre outros, o Brasil se viu fortemente afetado por questões de gênero.

Assim que essa pesquisa teve início, em 2020 - o primeiro ano da pandemia -, apesar do isolamento social, no Brasil o assassinato de pessoas trans cresceu 43% em relação ao ano anterior (SALABERT 2021) e o índice de violência doméstica contra essa população aumentou 45% em comparação ao mesmo período do ano anterior. Embora em 2021 esse número tenha diminuído, manteve-se acima da média em relação ao período anterior à pandemia e garantiu ao Brasil, pelo 13º ano consecutivo, o título de país com maior número de homicídios de pessoas trans (VALENTE 2021). Em 2022, a situação não se alterou: segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), o Brasil não só chegou ao 14º ano consecutivo como detentor desse título, mas produziu 142 violações de direitos humanos em relação a essa população, “tendo ficado nítido que a epidemia da transfobia operada pela necro-Trans-política seguiu em pleno funcionamento” (BENEVIDES 2022: on-line).

Para as mulheres, a pandemia tampouco atenuou as dificuldades de suas experiências sociais: em 2020, segundo o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, foram registradas 105.821 denúncias de violência contra mulheres e o número de casos de feminicídio também aumentou em

diversos estados brasileiros quando comparado com o mesmo período do ano anterior (DESENVOLVIMENTO SOCIAL 2021).

Essa também foi uma percepção social, como demonstrou a pesquisa “Violência doméstica contra a mulher na pandemia”<sup>2</sup>, que divulgou que, para 85% das pessoas entrevistadas, as agressões físicas e verbais e a violência sexual aumentaram durante o primeiro ano da pandemia (INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO 2020). Para as mulheres negras, no entanto, a violência foi ainda mais expressiva: das 1350 mortes por feminicídio em 2020, a maioria foi de mulheres negras (AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS 2021).

Dados de 2022 também indicam que as mulheres negras foram ainda mais afetadas pelo desemprego: de 4,4 passaram a ser 7,3 milhões (ILHA 2022). De modo geral, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (IBGE 2022), as mulheres perderam mais postos de trabalho do que os homens no primeiro ano da pandemia - enquanto o número de homens ocupados e assalariados caiu 0,9% em 2020, a queda entre as mulheres foi de 2,9%. Da mesma forma, a divisão sexual do trabalho se intensificou nesse período: os dados do IBGE demonstraram que setores da economia que são historicamente mais masculinos, como a construção civil, cresceram, enquanto os femininos, como o setor da educação, contraíram-se.

Nesse contexto, tornou-se ainda mais evidente - e urgente - a importância das reflexões, dos questionamentos, das pesquisas e das demandas dos Estudos de Gênero, campo que, justamente, debruça-se sobre desigualdades que atravessam os mais variados grupos sociais com base na noção de gênero<sup>3</sup>. Trata-se, assim, de uma área cujas reflexões prestam uma contribuição social necessária: aponta-nos opressões silenciadas - e perpetradas - pelas forças interessadas, fornece-nos categorias com as quais podemos reivindicar mudanças estruturais e nos instrumentaliza teoricamente para a movimentação em busca de justiça social e política.

---

<sup>2</sup> Realizada pelo Locomotiva e Instituto Patrícia Galvão, com o apoio do Consulado da Irlanda em São Paulo e da Fundação Heinrich Böll.

<sup>3</sup> Termo popularizado a partir dos anos 1960, pelo psicanalista estadunidense Robert Stoller, no contexto de um debate sobre a distinção entre natureza e cultura, mas que, desde então, tem sido reelaborado em um campo que constantemente se revisa para dar conta de novas compreensões sobre as relações de poder que produzem as mais diversas desigualdades.

Foi com base na consciência da importância desse campo - às vésperas do começo da pandemia - que se decidiu elaborar um glossário de termos em português brasileiro com base na comunicação de especialistas da área e com o objetivo de contribuir para a sistematização da área, assim como para os estudos terminológicos e terminográficos. Além disso, o trabalho também foi realizado considerando as pessoas interessadas nesse conhecimento especializado, como tradutoras e revisoras de textos dos Estudos de Gênero, especialistas e estudantes da área, entre outras.

Este trabalho, portanto, parte da consideração de que qualquer área especializada do conhecimento humano, para que seja reconhecida como tal, depende fundamentalmente de seu aspecto terminológico, já que é com base nele que estrutura seu discurso especializado. É nesse sentido que Cabré (2001, p. 20) afirma que “[...] [s]em terminologia, não se pode fazer ciência”; para a autora, a estruturação das disciplinas é diretamente proporcional à sistematicidade de sua terminologia, de modo que as pesquisas sobre o léxico empregado nas comunicações especializadas podem contribuir enormemente para a sua estruturação e para o seu reconhecimento no meio científico-acadêmico.

Além disso, desde a mudança nos paradigmas teórico-metodológicos da Terminologia no início dos anos 1990, observar os contextos reais de utilização das unidades terminológicas se tornou etapa fundamental das pesquisas da área. Assim, os textos, sendo considerados o habitat natural das unidades terminológicas (FINATTO, KRIEGER, 2004), adquiriram ainda mais importância como material de identificação, análise e compilação dessas unidades. Nesse sentido, uma das grandes aliadas dos estudos terminológicos vem sendo a Linguística de Corpus (doravante LC), com a qual também compartilha seus objetos de estudo, isto é, os textos e o léxico.

Assim, partindo da concepção de que era fundamental produzir um glossário com base na comunicação especializada realizada por especialistas no campo de Estudos de Gênero no Brasil em contextos reais, utilizou-se o suporte da LC, abordagem que desenvolve técnicas e métodos com os quais é possível estudar e analisar a linguagem, com o suporte dos mais diversos

marcos teóricos; trata-se de uma abordagem empírica em que se parte da observação de *corpus* para, então, fazer-se inferências embasadas sobre o uso de uma língua, seja ela comum ou especializada (Tagnin, 2015). Assim, as reflexões e os pontos de vista teóricos são construídos a partir de pesquisa prática, e não o contrário (Williams, 2010).

Dessa forma, com o inestimável apoio da Terminologia e da LC, foi possível compilar um *corpus* de artigos acadêmicos selecionados das duas principais publicações dos Estudos de Gênero no Brasil, a Revista de Estudos Feministas e a Cadernos Pagu, totalizando quase 3 milhões de palavras. A partir da análise desse *corpus* com a ferramenta Antconc, que possibilitou a extração das palavras mais frequentes, das palavras-chave, das combinatórias e a leitura de linhas de concordância, foram identificados os termos e as informações que compõem a macro e a microestrutura do glossário, como contextos explicativos, relações semânticas e informações complementares.

Além disso, é importante destacar que este trabalho foi realizado a partir da concepção de que embora um “saber objetivo” possa e até mesmo deva ser almejado na produção científica, também resulta “de uma prática científica [...] que inclui a paixão e o hábito, a teimosia e a luta, a fé e a intuição” (CUPANI 1989: 24). Assim, com este artigo, busco apresentar o resultado de uma pesquisa que certamente foi atravessada por todos esses elementos, compartilhando o processo de elaboração de um glossário de um campo de importância social fundamental com o objetivo de dividir seus achados e contribuir para outras pesquisas nessa e em outras linhas.

A seguir, portanto, apresento o referencial teórico que sustentou este trabalho; as etapas de definição, compilação e processamento do *corpus* de pesquisa (explicado com mais detalhes em WAQUIL 2021); a macro e a microestrutura do glossário e alguns dos importantes resultados.

## 1. Referencial teórico: Terminologia/grafia e Linguística de Corpus, um encontro inevitável

Até o fim dos anos 1980, a Terminologia ainda se sustentava majoritariamente em uma perspectiva com enfoque nos conceitos, e os

TradTerm, São Paulo, v.43, p. 154-195

[www.revistas.usp.br/tradterm](http://www.revistas.usp.br/tradterm)

termos eram entendidos como meras denominações, rótulos, etiquetas e, portanto, como unidades artificiais. Com um caráter prescritivo e normativo, defendia-se a univocidade na relação termo-conceito e buscava-se estabelecer bases e princípios que guiassem o trabalho e as pesquisas terminológicas de modo a contribuir para a eficácia das comunicações especializadas, restritas a seus especialistas. Como apontaram Krieger e Finatto (2004), nessa perspectiva, os termos expressavam conceitos atemporais, fixos, universais, e não significados, que são linguísticos e variam segundo o contexto em que se encontram e são utilizados.

Como muitos campos, a Terminologia passou por uma importante virada epistemológica, quando reflexões produzidas principalmente no Grupo *lulaterm*, da *Universitat Pompeu Fabra* (Barcelona), coordenado por Maria Teresa Cabré i Castellví - no que viria a ser denominado *Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT)* -, apontaram novos caminhos para as pesquisas terminológicas embasadas em "terminologia real", e não mais em uma "terminologia ideal", como propunha Eugene Wüster e sua *Teoria Geral da Terminologia* (CABRÉ 2008). Os termos, então, passam a ser considerados centrais na disciplina e como unidades das línguas gerais que adquirem caráter especializado de acordo com seu uso em contextos especializados, em um processo denominado "ativação pragmática" (CABRÉ 2001: 23). Nesse sentido, assume-se que os termos não preexistem aos campos, "não são estáticos, não pertencem exclusivamente a uma área, mas nela são utilizados com significação específica" (KRIEGER 2008: 5). Seu valor é determinado por sua presença em um campo específico do conhecimento e por sua relação com os outros termos desse campo. Como unidades léxicas das línguas gerais, os termos podem ser polissêmicos, isto é, podem ser de uso frequente em mais de uma área especializada e também podem ter diferentes sentidos atribuídos e ativados de acordo com tal área - "o conteúdo de um termo não é absoluto, mas relativo, de acordo com cada âmbito e situação de uso" (CABRÉ 2001: 33). Nessa perspectiva, a análise terminológica depende intrinsecamente da observação de contextos comunicativos reais, a partir dos quais é possível identificar os termos em uso, com suas idiossincrasias e variações.

A metodologia de trabalho nessa perspectiva terminológica segue o princípio da adequação, isto é, varia de acordo com o campo, os objetivos, o contexto, os recursos disponíveis, entre outros elementos - assim, sem contradizer os princípios terminológicos, adapta-se às circunstâncias de cada pesquisa. Para o trabalho terminográfico, essas mesmas concepções sobre os termos e sobre a comunicação especializada se mantêm: os termos não existem fora dos âmbitos especializados, assim como tampouco existe âmbito especializado sem terminologia; a forma e o conteúdo dos termos, indissociáveis, estão sujeitos às regras e aos fenômenos tanto da língua geral quanto do âmbito em que são utilizados. Dessa forma, o caráter do trabalho terminográfico é, essencialmente, descritivo: parte da identificação e da coleta de unidades reais utilizadas pelos especialistas de uma área em diferentes, mas sempre reais, situações comunicativas.

A partir dos desdobramentos epistemológicos na Terminologia e da concepção de que suas reflexões, bem como seus produtos terminográficos, devem ser elaborados com base na observação da terminologia *in vivo* e não *in vitro* (CABRÉ 1999), tornou-se inevitável sua aproximação à LC, abordagem metodológica que fornece subsídios teóricos e aplicados para observação, análise, coleta e descrição de grandes conjuntos de textos - os *corpora* - e suas unidades constituintes. Trata-se de um campo fundamental para a elaboração de qualquer pesquisa que, atualmente, debruce-se sobre contextos reais de comunicação especializada, já que oferece subsídios para que as pessoas pesquisadoras possam depreender sistematicidades, especificidades, descrições e explicações sobre gramática, léxico, configuração e perfis de práticas textuais (FINATTO 2004). Na LC, o objeto central são os *corpora*, conjuntos de dados “construído[s] a partir de um desenho explícito, com objetivos específicos” (BERBER SARDINHA 2000: 335); os *corpora* indicam, quando adequadamente analisados, padrões de uso e convencionalidades linguísticas que possibilitam descrições e inferências sobre as línguas a partir de ferramentas computacionais que não só fornecem dados quantitativos (como as palavras mais frequentes em uma área), mas também permitem análises qualitativas (como confirmar o caráter de termo de uma

unidade a partir da leitura e do estudo de seus contextos de ocorrência) (TAGNIN 2015). Assim como na Terminologia, na LC a linguagem autêntica também é um elemento central e entendida como um fenômeno social: ambos os campos precisam, portanto, de amostras (textos) reais das línguas para mostrar o que é típico e, para isso, a compilação e a análise de um *corpus* devem ser feitas com base em critérios predefinidos para sua seleção, para seu processamento e para sua descrição (ZANETTIN 2012).

No entanto, se o uso de uma abordagem que utiliza ferramentas computacionais, e que trata as línguas como sistemas probabilísticos e permite que sejam feitas análises com certo grau de objetividade<sup>4</sup>, pode indicar um desprezo pela subjetividade, este trabalho buscou remar na contracorrente dessa concepção. Ao lado de autores como Stubbs (2009), Williams (2010) e Baker (2014), embora de fato se tenha valorizado os altos graus de acurácia e objetividade que a abordagem, os métodos e as ferramentas da LC oferecem, também se reconheceu - e valorizou - a inevitável marca dos traços subjetivos da pesquisadora.

Nesse sentido, defende-se que a LC permite que observemos padrões objetivos que possibilitam a interpretação, que é de base subjetiva. Para Baker (2014), por exemplo, é perigoso contar exclusivamente com técnicas e tecnologias de *corpora* para responder a perguntas de pesquisa; o autor sugere que as pesquisas com *corpus* podem ser aprimoradas quando as pessoas pesquisadoras envolvidas têm um bom conhecimento geral (e, aqui, acrescentamos específico da área especializada em questão) ou recursos e habilidades para complementar os resultados oferecidos pelos textos - Baker (2014) indica, por exemplo, como complemento, não apenas a expansão e a leitura atenta de linhas de concordância, mas de amostras inteiras do *corpus* de trabalho.

Esta concepção que valoriza a subjetividade nas pesquisas acadêmicas é fundamental para destacar que o trabalho aqui apresentado é um glossário dos Estudos de Gênero no Brasil, e não o glossário. Isso significa que, ainda que com critérios bastante específicos, predeterminados e estruturados com

---

<sup>4</sup> Quando antes, como aponta Stubbs (2009), só era possível especular.

TradTerm, São Paulo, v.43, p. 154-195

[www.revistas.usp.br/tradterm](http://www.revistas.usp.br/tradterm)

base em referencial consagrado da Terminologia, da LC e dos Estudos de Gênero, é produto de seu tempo, do contexto e das condições concretas, materiais e simbólicas de sua elaboração.

## 2. Metodologia ou os bastidores de um glossário

Para a confecção do glossário, os princípios de trabalho terminológicos e terminográficos, na perspectiva da TCT, foram guias fundamentais. Por isso, foram seguidas as quatro etapas básicas que definem a prática segundo essa perspectiva teórica: delimitação do tema e definição do trabalho; preparação e planejamento; realização; apresentação dos resultados (CABRÉ 1999).

### 2.1. Delimitação do tema e definição do trabalho

Na primeira etapa do trabalho terminográfico, prevê-se, por parte da pessoa pesquisadora, a aquisição de uma competência cognitiva que comporte os conhecimentos necessários para que possa trabalhar com o tema escolhido/determinado. Nesse sentido, Bevilacqua (2016) destaca a impossibilidade de organizar um produto terminográfico sem que se conheça previamente a área de conhecimento objeto de estudo; no mesmo caminho, Fromm e Yamamoto (2021: 2043) apontam que “o assunto a ser analisado é um passo metodológico importante quando da elaboração de *corpora*” e, acrescento, para os desdobramentos dessa elaboração, como a confecção de um produto terminográfico. Assim, com a aquisição de uma competência no tema objeto de análise e pesquisa, é possível assumir que todo tema pode ser tratado a partir de diferentes dimensões e que cada dimensão pode privilegiar diferentes pontos de vista. A partir dessa competência, pode-se, então, definir a perspectiva escolhida para tratá-lo, o tipo de trabalho, os destinatários, os objetivos do trabalho e a finalidade desses objetivos.

No caso deste trabalho, a escolha do tema foi profundamente atravessada por minha subjetividade e posição no mundo como mulher, feminista, brasileira e como pesquisadora em Terminologia, LC e Tradução. Da

mesma forma, foi fundamental nesse processo a constatação de um contexto de cada vez maior ampliação e expansão da discussão de Estudos de Gênero no mundo, mas especificamente no Brasil, onde vem se difundindo para além dos muros da academia e chegando ao debate público, com efeitos sociais concretos. O fato de que se trata de um campo cujo conhecimento constantemente é revisado e renovado (WAQUIL 2021), também instigou o estudo terminológico e o objetivo de oferecer um olhar sobre a discussão do campo brasileiro, mais especificamente para as muitas e variadas formas pelas quais pessoas pesquisadoras vêm, há mais de 30 anos, pensando e, principalmente, repensando os temas no contexto dos Estudos de Gênero, apresentando possibilidades, debates, e não certezas rígidas, fixas e inquestionáveis.

Além disso, essa escolha foi também pautada na ideia de que “não faz sentido realizar pesquisas que não visam melhorar a vida das pessoas ou seu meio de alguma forma” (BAKER 2014: 207). Os Estudos de Gênero, como mencionado na introdução deste artigo, prestam uma fundamental contribuição sociopolítica: debruçam-se sobre temas que afetam e impactam diariamente a vida de grupos sociais das mais diversas formas, apontando caminhos e elaborando um conhecimento que colabora para o combate a desigualdades e violências. Assim, a delimitação deste tema também busca incentivar novas e diferentes pesquisas linguístico-terminológicas voltadas para outras áreas que, como os Estudos de Gênero, esforçam-se para responder a demandas sociais urgentes.

## 2.2. Preparação e planejamento

Na segunda fase, trata-se de selecionar o conjunto de textos a partir do qual serão extraídas as informações necessárias. Para isso, foi fundamental o já mencionado suporte da abordagem da LC, que propõe critérios para a compilação de *corpora* segundo objetivos de pesquisa e estudo predeterminados. A metodologia, nesse sentido, foi o que se denomina *corpus-driven*, que extrai “todos os seus dados de um *corpus* especializado

compilado para esse fim específico” e é essencial para a produção de glossários (TAGNIN 2015b: 375).

Para a seleção das fontes de compilação dos Estudos de Gênero, foi feita extensa e profunda pesquisa em referencial teórico da área (COSTA 2004; DINIZ; FOLTRAN 2004; FACCHINI 2017; MALUF 2008; PISCITELLI; BELELI; LOPES 2003, entre outras) que discute a produção do campo no Brasil. Nessa tarefa, que também serviu para a aquisição de competência no campo, foi possível identificar duas publicações que se destacam expressivamente nos Estudos de Gênero brasileiros e contribuem para a organização e para a divulgação de seu conhecimento especializado, a Revista de Estudos Feministas (doravante REF) e a Cadernos Pagu. Ambas já têm mais de 30 anos de história, contam com comitê e conselho editorial, têm Qualis A1 no sistema de avaliação de periódicos da CAPES, são reconhecidas internacionalmente e estão disponíveis na Scientific Electronic Library Online (SciELO)<sup>5</sup>.

A partir da definição das fontes, buscou-se atender os quatro pré-requisitos propostos por Berber Sardinha (2000) para a compilação de um *corpus*:

a) a autenticidade do conteúdo, isto é, que os textos sejam autênticos, escritos em linguagem natural e sem o propósito de serem objetos de estudo de pesquisa linguística. Por isso, para esta pesquisa, foram selecionados textos escritos por especialistas em situações reais de comunicação - mais especificamente, artigos acadêmicos publicados em fontes consagradas e reconhecidas.

b) autenticidade da autoria, de modo que os textos extraídos para a compilação sejam escritos por falantes nativos da língua na qual estão escritos<sup>6</sup>. Assim, neste trabalho, foram selecionados apenas textos produzidos por pesquisadoras/es brasileiras/os em português brasileiro.

c) seleção criteriosa: os textos devem ser escolhidos a partir do eixo de alguma característica, como um gênero textual específico ou produtores específicos (como aprendizes de língua ou especialistas de um campo), a

---

<sup>5</sup> Em WAQUIL (2021), o processo de compilação e descrição do *corpus*, assim como ambas as revistas, é apresentado em detalhes.

<sup>6</sup> Com exceção de alguns casos, como pesquisas sobre aprendizagem de idiomas, em que podem ser compilados *corpora* de textos escritos por aprendizes de línguas estrangeiras.

partir de regras predeterminadas pela pessoa pesquisadora. Para a elaboração do glossário, como mencionado, foram selecionados apenas textos do gênero artigo acadêmico dos Estudos de Gênero publicados em periódicos consagrados no Brasil - REF e Cadernos Pagu.

d) representatividade, um critério relativo e recorrentemente debatido em função da dificuldade em identificar elementos objetivos para defini-lo; trata-se, no entanto, de um direcionador para que a pessoa pesquisadora busque compilar um *corpus* representativo do fenômeno linguístico que objetiva descrever. Nesse mesmo sentido, a extensão, ainda que seja variável e não tenha um número mínimo definido em consenso, também deve ser significativa e expressiva o suficiente para que se possa alcançar os objetivos de análise linguístico-terminológica de forma confiável.

Neste trabalho, após análise dos textos e conversão de seu formato pdf para o formato txt com a ferramenta Convertio<sup>7</sup>, foi feita uma limpeza manual desses textos, com correção das falhas não detectadas e/ou produzidas pela ferramenta de conversão de formato. Cabe destacar o complexo e longo trabalho de conversão e limpeza dos textos que foi feito para que o *corpus* pudesse ser processado adequadamente pela ferramenta computacional. Muitos dos textos publicados nos dois periódicos, principalmente no início dos anos 1990, não puderam ser incluídos devido à precária condição dos PDFs à disposição (em formato imagem, não estavam legíveis para a ferramenta de conversão) e, além disso, os artigos da REF, que apresentam uma formatação diferenciada<sup>8</sup> (uma questão valorizada pela revista), exigiram uma atenção redobrada na etapa de limpeza pós-conversão. Chegou-se, por fim, a um total de 688 artigos extraídos, convertidos, limpos e preparados para análise - 380 deles selecionadas da REF e 288 da Cadernos Pagu -, um *corpus*, denominado REF/PAGU, composto por 2.848.938 *tokens* e 105.233 *types*. Assim, apesar de algumas perdas derivadas da impossibilidade de tratamento dos textos, o trabalho resultou em um conjunto robusto, de

---

<sup>7</sup> Conversor on-line de documentos que funciona mediante registro e pagamento. Disponível em: <https://convertio.co/pt/document-converter/>

<sup>8</sup> Os textos são formatados em colunas e em margens fora do padrão.

tamanho expressivo e, sobretudo, de qualidade inquestionável, mérito do lugar alcançado pelas duas publicações nos Estudos de Gênero brasileiros.

## 2.3. Realização

Nesta etapa, segundo os princípios da TCT, procede-se à compilação das unidades terminológicas a partir do *corpus* de pesquisa estabelecido, organizado e preparado. Neste trabalho, para o estudo do conjunto de textos, contou-se com o auxílio fundamental da ferramenta Antconc<sup>9</sup>, um consagrado e gratuito programa composto por ferramentas de análise linguística e textual.

Inicialmente, foi feita uma primeira extração e análise da lista das palavras mais frequentes do *corpus* com o recurso *wordlist*. Para a identificação de suas palavras-chave, feita com a ferramenta *keywordlist*, utilizou-se como *corpus* de referência a Lacio-ref<sup>10</sup>. Essa lista de palavras-chave foi comparada com a lista de palavras mais frequentes e, a partir disso, foi definida a seleção dos candidatos a termos a serem analisados. A partir dessa lista final, foram definidos 23 termos para a pesquisa - esses termos, doravante chamados termos-base, nada mais são do que termos que, presentes tanto na lista das palavras mais frequentes quanto na de palavras-chave, indicam “tópicos ou temas dominantes de um texto ou *corpus*, já que a razão de sua ocorrência frequente nos dados é sua significância para o conteúdo dos dados ou sua estrutura” (FISHER-STARCKE 2009: 496). Esses termos-base foram então analisados com a ferramenta *clusters/n-grams* do Antconc e permitiram a identificação e de termos sintagmáticos para cada um deles - essa análise resultou na identificação de 450 potenciais candidatos a termos. Esses candidatos foram, então, analisados individualmente, com o recurso *concordance*, que possibilitou sua observação em contextos de ocorrência no REF/PAGU. A partir da leitura e do estudo

---

<sup>9</sup> Criado pelo Prof. Lawrence Anthony, da Universidade Waseda, no Japão.

<sup>10</sup> *Corpus* de referência disponibilizado no Lacio-web, um projeto do Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional (NILC) lançado em 2002 que oferece corpora de livre acesso tanto para usuários não especialistas interessados na língua portuguesa brasileira quanto para usuários especialistas (interessados em estudos linguísticos teóricos e práticos e em desenvolver ferramentas de linguística computacional).

detalhado desses contextos, que em diversos casos foram expandidos para uma melhor compreensão do uso das unidades, determinou-se uma lista final de 218 termos identificados.

Cabe destacar que essa etapa foi realizada com respeito aos princípios metodológicos da LC e, por isso, buscou-se “ouvir” o que os textos - e intrinsecamente suas/seus especialistas e produtoras/es - tinham a dizer, de acordo com a concepção de que qualquer *corpus* “só pode fornecer o que ele tem” (TAGNIN 2005: 29). O glossário, por isso, foi elaborado com a abordagem *corpus-driven*, que permitiu que se pudesse identificar os principais termos-chave da área que são de fato articulados na comunicação especializada do campo para, então, apresentá-los a pessoas interessadas em forma de glossário.

## 2.4. Apresentação dos resultados do trabalho

A última etapa do trabalho, segundo a TCT, é a apresentação dos resultados, que também é realizada segundo o critério fundamental da adequação; trata-se da fase em que se define a seleção final das informações a serem disponibilizadas e a forma de fazê-lo.

A partir do estudo terminológico dos Estudos de Gênero no Brasil feito com o apoio da LC, estabeleceu-se o objetivo de apresentar os achados de forma sistematizada e, sobretudo, simples, com uma estrutura que organizasse o conhecimento especializado do campo de forma acessível. Esse objetivo, portanto, estruturou as escolhas feitas tanto para a macro quanto para a microestrutura. Nesse sentido, se informações como as gramaticais foram descartadas, outras, como a elaboração de notas com comentários sobre os termos, foram produzidas para oferecer uma melhor compreensão do conhecimento dos Estudos de Gênero.

Assim, em relação à macroestrutura, o glossário foi estruturado a partir de um texto introdutório que apresenta às pessoas consulentes um breve histórico de sua elaboração, um resumo do referencial teórico que sustentou as escolhas, etapas metodológicas seguidas e explicações sobre sua microestrutura. Trata-se de um texto de caráter fundamental para a

adequada compreensão do trabalho que o segue; assim, destaca a instabilidade conceitual tão característica do campo e a posição da pesquisadora ao tratar disso na elaboração do glossário:

O glossário aqui apresentado, justamente, quer expor a variedade de posições teóricas que sustentam diferentes usos para os termos e conceitos mais frequentes e chave do campo, demonstrando a constante autorrevisão e a dinamicidade do campo e das pessoas pesquisadoras. O dissenso nas posições teóricas adotadas - evidente na análise do *corpus* - é, portanto, valorizado porque permite evitar essencializações nas discussões, nas categorias articuladas e, conseqüentemente, na movimentação política que elas produzem; ao mesmo tempo, não interfere no valor cognitivo da reflexão, que se beneficia dessa multiplicidade de posições teóricas (WAQUIL 2023: no prelo).

Há, além disso, sugestões de uso, como a indicação de que as pessoas leitoras e usuárias do glossário (linguistas, tradutoras, especialistas e demais interessadas) se detenham com mais atenção nos termos sintagmáticos do que nos termos-base, tendo em vista que alguns destes só têm valor especializado em sua combinação com outras unidades (por exemplo, os termos-base “social” e “relações”).

Compondo a macroestrutura do glossário, também estão os 21 termos-base, isto é, os itens lexicais destacados na extração feita com recursos do Antconc (*wordlist* e *keywordlist*) e com análise de pesquisadora, a partir dos quais foram identificados os termos do campo - simples ou sintagmáticos. Os termos-base que estruturam o glossário são os seguintes:

- corpo
- família
- feminina
- feminino
- feminismo
- feminista
- feministas
- gênero
- homem
- mãe

- mulher
- mulheres
- política
- práticas
- relações
- sexo
- sexual
- social
- sociais
- trabalho
- violência

Sobre o levantamento terminológico feito a partir dos termos-base, cabe destacar um dos resultados mais expressivos da pesquisa: corroborando Krieger (2001: 74), que aponta que “há vários estudos que comprovam a prevalência das terminologias instituídas ao modo de sintagmas, num percentual que se situa em torno de 70% das ocorrências terminológicas”, neste levantamento terminológico, dos 218 termos elencados, apenas 11 são termos simples - corpo(s); família; (o) feminino; feminismo; gênero; homem(ns) mãe(s); mulher; mulheres; sexo; (o) social -, enquanto 207 são sintagmáticos<sup>11</sup>.

Os termos-base foram dispostos em ordem alfabética e, dentro de cada um deles, também em ordem alfabética, foram distribuídos os termos formados pela respectiva base.

Figura 1. Índice do glossário

---

<sup>11</sup> Termos que podem ser formados por diferentes estruturas - como substantivo + adjetivo, substantivo + preposição + substantivo - que, por sua vez, podem ser expandidas.

<i><u>Corpo</u></i>		38	Sexualidade feminina
18	Corpo(s)	39	Submissão feminina
19	Controle do/sobre o corpo	40	Subordinação feminina
20	Corpo da(s) mulher(es)	<i><u>Feminino</u></i>	
21	Corpo feminino	42	[O] feminino
<i><u>Família</u></i>		43	Comportamento feminino
23	Família	44	Empoderamento feminino
24	Família burguesa	45	Papel feminino
25	Família nuclear	46	Sexo feminino
26	Família patriarcal	47	Sujeito feminino
<i><u>Feminina</u></i>		48	Trabalho feminino
28	Autoria feminina	49	Universo feminino
29	Condição feminina	<i><u>Feminismo</u></i>	
30	Emancipação feminina	51	Feminismo
31	Essência feminina	52	Feminismo brasileiro
32	Figura feminina	53	Feminismo da diferença
33	Identidade feminina	54	Feminismo decolonial/descolonial
34	Natureza feminina	55	Feminismo interseccional
35	Mão de obra feminina	56	Feminismo liberal
36	Opressão feminina	57	Feminismo negro
37	Questão feminina	58	Feminismo radical

Fonte: elaboração da autora.

Complementando a macroestrutura, depois do último verbete, é apresentada a lista de referências dos textos que compõem o *corpus* REF/PAGU - todos estão disponíveis on-line e podem ser consultados, baixados e estudados pelas pessoas interessadas.

Na microestrutura, os verbetes contam com as seguintes informações: termo-base, termo, contextos, notas, ver também. As entradas não foram lematizadas - são apresentadas na forma usual em que foram identificadas na análise do *corpus*; além disso, a apresentação de um termo em entradas diferentes para variação de número (singular e plural) foi feita apenas nos casos em que essa variação também implicava alguma variação no sentido - por exemplo, o glossário conta com a entrada “mulher” e a com entrada

“mulheres”. Quando não foi esse o caso, foram colocadas na mesma entrada as duas possibilidades de uso do termo (em singular e em plural) - como “corpo(s)” (Figura 2).

Figura 2. Exemplo de verbete: termo “corpo(s)”, extraído do termo-base “corpo”.

CORPO	
TERMO	CORPO(S)
CONTEXTOS	<p>(A) O <b>corpo</b> como um construto social é atravessado por múltiplos discursos, por meio de operações de classificação, agrupamento e diferenciação, práticas de significação que funcionam em determinados regimes de verdade e que marcam determinadas formas de ser mulher e de ter cuidados com a saúde e com o corpo feminino. O <b>corpo</b>, como marca da diferença das mulheres, está marcado como um corpo que reproduz.</p> <p>(B) Butler (2008) questiona a abordagem sexo/gênero, na qual sexo é natural/biológico, e gênero é construído, demonstrando que essa suposta diferença biológica entre homens e mulheres também faz parte de uma construção discursiva do dispositivo da heterossexualidade. A autora demonstra que o <b>corpo</b> não é anterior ao discurso sobre o corpo; o corpo é uma construção cultural, permeada de relações de poder, limitada pelos marcadores sexuais (também construídos) como corpo feminino e masculino.</p> <p>(C) O movimento feminista constitui-se como o ator social que tem historicamente se contraposto à instituição religiosa, no sentido de reivindicar a laicização do Estado e a garantia de liberdade de escolha da mulher para realizar um aborto quando assim o desejar e/ou necessitar. Este, juntamente com lideranças partidárias, vem disputando publicamente a normatização de uma lei do Código Penal, defendendo o direito de a mulher dispor de seu próprio <b>corpo</b> e de ter condições adequadas para a realização do aborto, principalmente a mulher pobre.</p>
NOTAS	<p>O termo "corpo" é frequentemente articulado no corpus porque, em diversas perspectivas, é um elemento fundamental para a concepção de "gênero". Por exemplo, na reflexão proposta pela filósofa estadunidense Judith Butler e recorrentemente citada no corpus, o corpo, assim como o gênero, é uma construção cultural, histórica e política. Esse é um desenvolvimento relativamente recente nas teorias feministas, que, inicialmente, consideravam o corpo como uma materialidade evidentemente portadora de um sexo. Em outros contextos, "corpo" é articulado como um espaço para a violência contra a mulher (por exemplo, a violência obstétrica).</p>
VER TAMBÉM	<ul style="list-style-type: none"> <li>• controle sobre o corpo</li> <li>• corpo da(s) mulher(es)</li> <li>• corpo feminino</li> </ul>

Fonte: elaboração da autora.

### 3. Resultados e discussões

Um estudo terminológico com *corpus* pode indicar muitas coisas, como padrões de uso, as unidades mais frequentes de um campo, combinatórias de palavras típicas. Neste trabalho, todas essas informações foram obtidas, mas certos desafios - ainda que bastante produtivos - também atravessaram a

TradTerm, São Paulo, v.43, p. 154-195

[www.revistas.usp.br/tradterm](http://www.revistas.usp.br/tradterm)

pesquisa. A seguir, são apresentadas reflexões e alguns resultados deste trabalho.

### 3.1. Sobre os contextos

No início desta pesquisa, com profundo estudo da literatura dos Estudos de Gênero, ficou evidente o importante debate terminológico e conceitual realizado por suas/seus especialistas e que, conseqüentemente, tem impacto sobre a terminologia empregada. Para Minella (2004, p. 231), uma hipótese para a multiplicidade de interpretações no campo é o:

[...] próprio contexto de instabilidade da produção científica da pós-modernidade, dado o rompimento deste contexto com a pretendida identificação entre o real e o racional defendida pela modernidade. Dado ainda o fato de que este contexto admite e até defende, uma certa (des)ordem dos discursos científicos, ou seja, uma certa autonomia dos conceitos e das metodologias em relação às teorias que os engendraram, compreendendo que eles migrem de um lado para o outro, e que entrem desta maneira, numa cadeia intensamente produtora de novas hipóteses e de novas ideias (MINELLA 2004: 231).

Por isso, uma decisão preestabelecida para a confecção do glossário foi a de selecionar ao menos dois contextos de ocorrência para cada termo, de modo a demonstrar a instabilidade do campo e as múltiplas possibilidades de uso das unidades e, em diversos casos, de variação conceitual.

Além disso, como esperado, a análise do *corpus* REF/PAGU não levou à identificação de contextos que contivessem todos os traços conceituais da unidade terminológica sob análise; de fato, não só os debates no campo, mas também o *corpus*, indicam que as pessoas especialistas articulam os termos e os conceitos acionando distintos valores a partir das perspectivas teóricas que assumem e adotam. A apresentação de múltiplos contextos também foi uma estratégia para evitar, como propõe Baker (2014), a utilização acrítica das ferramentas de *corpus*, de modo a não reforçar perspectivas unívocas.

Essa seleção foi um dos passos mais importantes da elaboração do glossário: exigiu leitura atenta não só das linhas de concordância, mas de amostras maiores dos contextos de ocorrência dos termos para a extração dos que melhor explicassem e/ou contextualizassem o termo no campo.

Para a definição dos contextos a serem elencados no glossário, foi utilizada a contribuição de Aubert (2001b), que entende que as línguas são tanto um conjunto de potencialidades/virtualidades quanto fatos sócio-históricos e, portanto, caracterizadas por uma inerente instabilidade. Para o autor, o “vínculo entre o código linguístico em si e determinada visão de mundo não é absoluto, não é uniformizante, não é estável e perene, mas varia e se reconfigura a toda hora, no tempo e nos espaços coletivos e individuais” (AUBERT 2001b: 12). Nesse sentido, as comunidades linguísticas e, do mesmo modo, também as especializadas, não constituem grupos monolíticos e uniformes, mas são compostas por sujeitos motivados por diferentes pontos de vista, objetivos e variáveis identitárias e geopolíticas. O uso que fazem dos termos, conseqüentemente, também é atravessado por esses elementos. Com base nisso, Aubert (2001a; 2001b) defende o trabalho de uma terminologia e de uma terminografia descritivas, que se dediquem a identificar as relações de noção/designação que caracterizam os termos das mais diversas áreas do conhecimento humano. Neste tipo de trabalho, o autor entende que uma etapa fundamental é a identificação e o registro de contextos que a pessoa pesquisadora avalie como adequados para a delimitação nocional. Em sua categorização, Aubert propõe três tipos de contextos possíveis: os associativos, que “apresenta[m] o termo como pertinente à área, mas não indica[m] os traços conceituais desse termo”; os explicativos, que incluem “traços conceituais pertinentes específicos do termo sob observação”; e os definitórios, que englobam “o conjunto completo dos traços conceituais distintivos do termo” (2001a; 68-69) - este último é praticamente inviável se consideramos a variação e a riqueza de situações de usos possíveis para os termos de modo geral. Portanto, nesta pesquisa, foram priorizados os contextos explicativos e, quando não foi possível identificá-los, foram selecionados os associativos.

Nos casos em que foram identificados nos contextos usos diferentes dos termos, com enfoque em traços específicos, os contextos desses usos foram explicados em notas:

Figura 3. Exemplo dos contextos no verbete do termo “performance de gênero”

TradTerm, São Paulo, v.43, p. 154-195

[www.revistas.usp.br/tradterm](http://www.revistas.usp.br/tradterm)

<p><b>CONTEXTOS</b></p>	<p>[A] Para responder às críticas de que a identidade de gênero em sua teoria teria um status voluntarista, Butler, em determinadas ocasiões, propôs uma diferenciação entre <b>performance de gênero</b> e performatividade de gênero. Nessa distinção, performance seria aquela realizada pelas pessoas drags e que se caracteriza por um ato limitado, produto de uma vontade ou de uma eleição de quem a realiza. "É um erro reduzir a performatividade a performance" (Butler, 2002:69). Já a performatividade de gênero, como explicamos anteriormente, não é caracterizada pela eleição ou agência do sujeito, mas pelo efeito repetido da norma, ainda que essas repetições nem sempre sejam realizadas da maneira como as normas desejam.</p> <p>[B] Assim, as <b>performances de gênero</b> não acontecem livremente, pois as ações cotidianas estão inseridas em uma estrutura rígida (heterossexualidade compulsória e os discursos que a sustentam) que delimitam suas possibilidades. Performatividade não se restringe apenas ao campo da performance; pode ser vista como o que possibilita e potencializa a performance.</p>
<p><b>NOTAS</b></p> 	<p>Assim como "normas de gênero", "performance de gênero" é um termo articulado a partir das reflexões propostas por Judith Butler, que diferencia performance e performatividade, como os próprios contextos de uso aqui explicitam.</p> <p>Ainda assim, em alguns contextos, encontram-se perspectivas diferentes na articulação dos dois termos, principalmente em tentativas de diferenciá-los. Enquanto o contexto [A] enfatiza a performance como um ato deliberado, sujeito à liberdade e à escolha de seu agente, o contexto [B] a analisa como sujeita a restrições sociais.</p> <p>Essas diferenças conceituais podem resultar do fato de que os termos são mobilizados a partir de interpretações da teoria (com seus termos e conceitos) de Butler, processo sempre sujeito à produção de diferentes reflexões e conclusões, e que lhe ultrapassam, tornando-a um ponto de partida para o desenvolvimento de novas perspectivas e posicionamentos teóricos.</p>

Fonte: elaboração da autora.

### 3.2. Sobre as notas

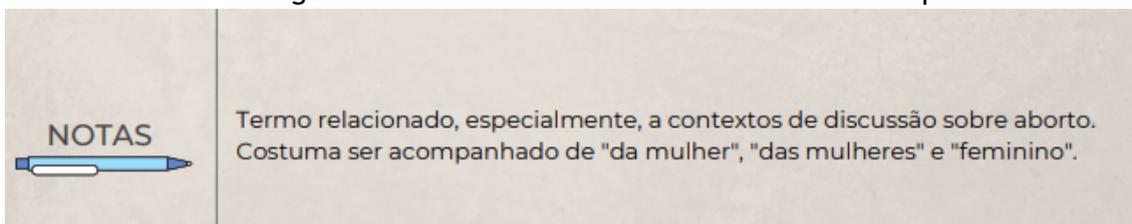
As notas foram umas das mais importantes etapas da elaboração deste glossário. Este campo foi preenchido para a grande maioria dos termos com o objetivo de complementar as informações oferecidas nos contextos pelas pessoas especialistas. Tendo em vista a instabilidade e a variedade do campo, entendeu-se a necessidade de oferecer apontamentos mais específicos, ainda que sempre sintéticos e pontuais, para evidenciar questões e informações complementares e importantes que os contextos encontrados não apresentassem ou que se julgasse necessário destacar para ampliar e aprofundar a compreensão das pessoas usuárias a respeito desse conhecimento especializado. A seguir, apresenta-se a tipologia de notas criadas para o glossário.

TradTerm, São Paulo, v.43, p. 154-195

[www.revistas.usp.br/tradterm](http://www.revistas.usp.br/tradterm)

1) **Notas contextuais** - elaboradas para indicar os contextos de uso mais frequentes do termo em questão. Para o termo “controle do/sobre o corpo”, por exemplo, a nota destaca que contextos de reflexão sobre aborto costumam mobilizar essa unidade:

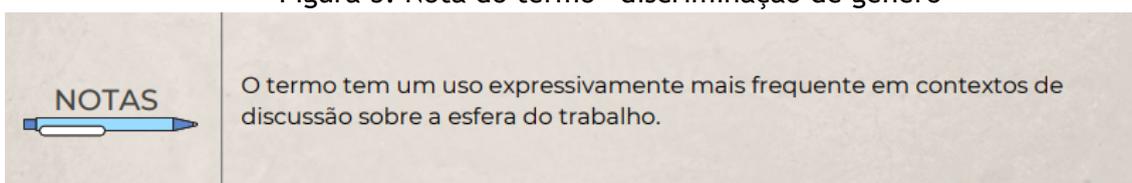
Figura 4. Nota do termo “controle do/sobre o corpo”



Fonte: elaboração da autora.

Já para o termo “discriminação de gênero”, a nota destaca que a unidade é utilizada em contextos de reflexão e debate sobre o mundo do trabalho:

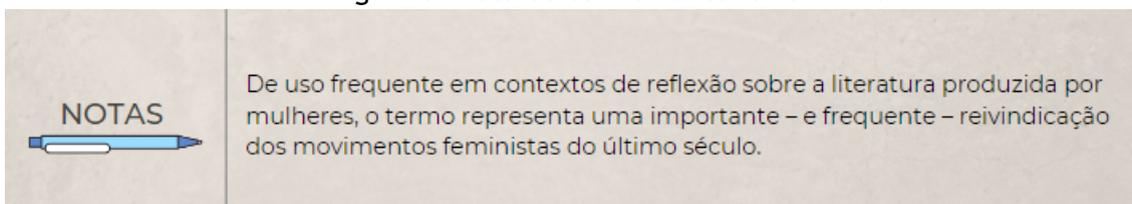
Figura 5. Nota do termo “discriminação de gênero”



Fonte: elaboração da autora.

Para o termo “autoria feminina”, a nota indica seu uso frequente em contextos de discussão dos Estudos de Gênero sobre o campo literário:

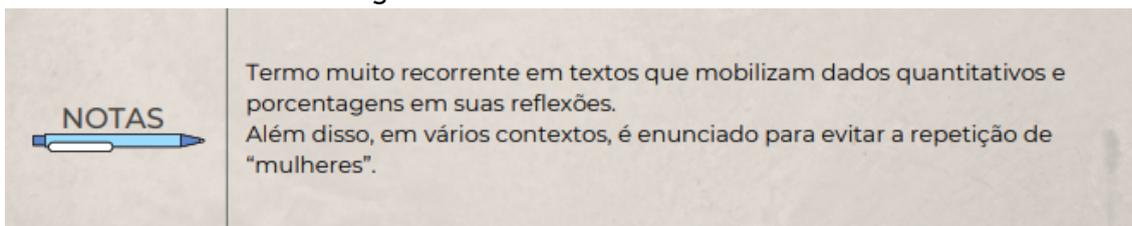
Figura 6. Nota do termo “autoria feminina”



Fonte: elaboração da autora.

2) **Notas sobre indicações de uso** - utilizadas para destacar questões pertinentes aos usos do termo identificados no *corpus*. Para o termo “sexo feminino”, por exemplo, além de apontar o contexto mais frequente de sua articulação, a nota também indica um uso que tem a função de evitar a repetição de outro termo do campo - “mulheres”:

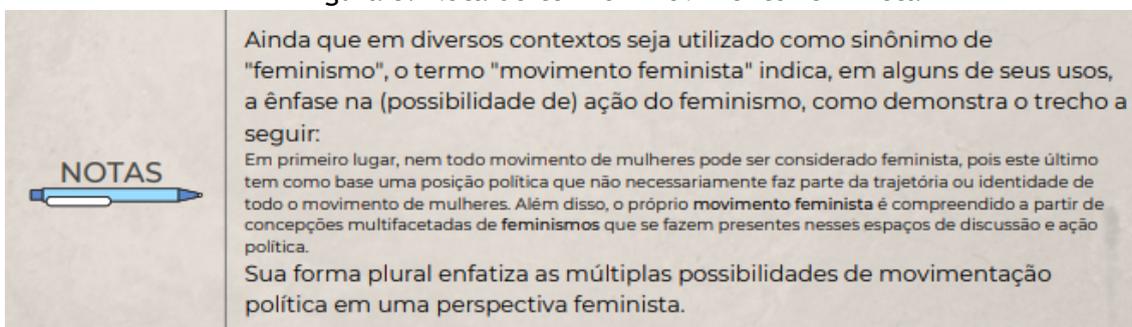
Figura 7. Nota do termo “sexo feminino”



Fonte: elaboração da autora.

No termo “movimento feminista”, a nota elaborada destaca um uso da unidade feito para reforçar “ação” feminista, um dos traços semânticos de “movimento”:

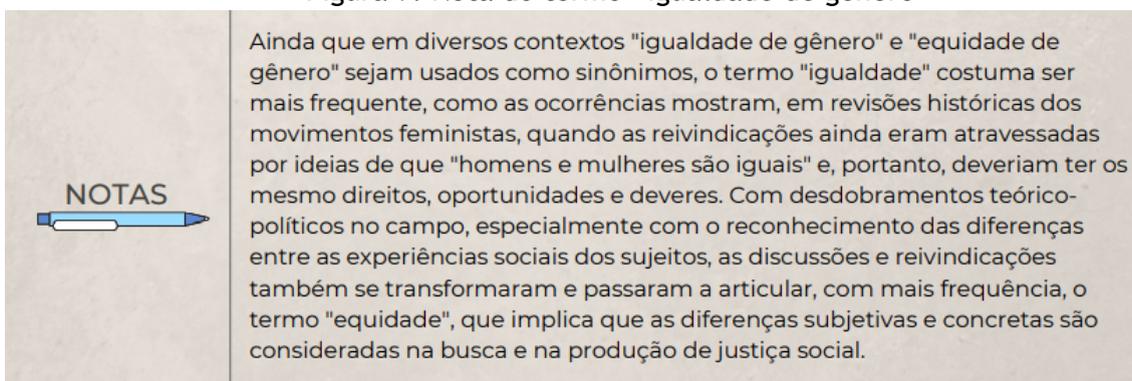
Figura 8. Nota do termo “movimento feminista”



Fonte: elaboração da autora.

Em “igualdade de gênero”, uma nota mais extensa apresenta uma relação de sinonímia entre esse termo e “equidade de gênero”, mas destaca traços semânticos distintos que podem ser considerados no uso de uma ou outra unidade:

Figura 9. Nota do termo “igualdade de gênero”



Fonte: elaboração da autora.

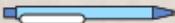
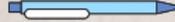
3) **Notas sobre variação denominativa** - na maioria dos casos, este tipo de nota foi utilizado para indicar especificidades do uso do termo no

TradTerm, São Paulo, v.43, p. 154-195

[www.revistas.usp.br/tradterm](http://www.revistas.usp.br/tradterm)

singular ou no plural, como exemplificado a seguir com as notas dos termos “feminismo”, “família”, “teoria(s) feminista(s)” e “homem(ns)”, respectivamente:

Figura 10. Notas dos termos “feminismo”, “família”, “teoria(s) feminista(s)” e “homem(ns)”

<p>NOTAS</p> 	<p>Termo central do campo, apresenta expressiva abertura conceitual, sendo articulado a partir de variadas perspectivas. No entanto, seu uso costuma articular a ideia de movimento social e político que denuncia, questiona e revoluciona relações de poder estruturadas em desigualdades de gênero e outras variáveis.</p> <p>Mesmo no singular (forma em que é mais frequente), costuma abranger a pluralidade do movimento e as muitas possibilidades de articulação, como demonstra o seguinte exemplo, também extraído do corpus, em que ambas as formas (singular e plural) são mobilizadas:</p> <p>"Os <b>feminismos</b> e sua epistemologia feminista são chaves analíticas para começar este caminho. Aqui se entende o <b>feminismo</b> em sua pluralidade, expressas em um conjunto de práticas desenvolvidas pelas mulheres, com objetivo de enfrentar a realidade que as exclui."</p>
<p>NOTAS</p> 	<p>Majoritariamente entendida como instituição social, "família" também tem uma dimensão instrumental para a organização da ordem social patriarcal e para a sua regulação.</p> <p>Embora ocorrências do termo em plural tenham sido identificadas, o termo é muito mais frequente no singular, principalmente em relação à ideia de instituição.</p>
<p>NOTAS</p> 	<p>A forma plural do termo é mais frequente que a forma singular:</p> <p>Vale dizer, o movimento e <b>teorias feministas</b> desde o princípio se insurgiram contra um poder colonizador de indivíduos que se autoproclamam superiores para submeter e introjetar valores sociais e políticos próprios sobre o Outro, o diferente, que é considerado, naturalmente, inferior. Portanto, as <b>teorias feministas</b>, neste aspecto, são parte das práticas decoloniais.</p>
<p>NOTAS</p> 	<p>Termo utilizado para mobilizar críticas à existência e à articulação do binômio homem/mulher como base da vida humana.</p> <p>O uso do termo no plural não indica alteração de sentido – ambas as formas são articuladas para a generalização dos sujeitos no grupo social homem/homens:</p> <p>Os estudos de mulheres tratavam especificamente de retirar as mulheres da situação de relativa invisibilidade pelo encompassamento da ideia de "<b>homens</b>" como se "neutros" fossem em relação ao sexo, da relativa invisibilidade pela sua inserção privilegiada na história privada e pela sua quase exclusiva visibilidade enquanto exercendo funções complementares ao sexo masculino.</p>

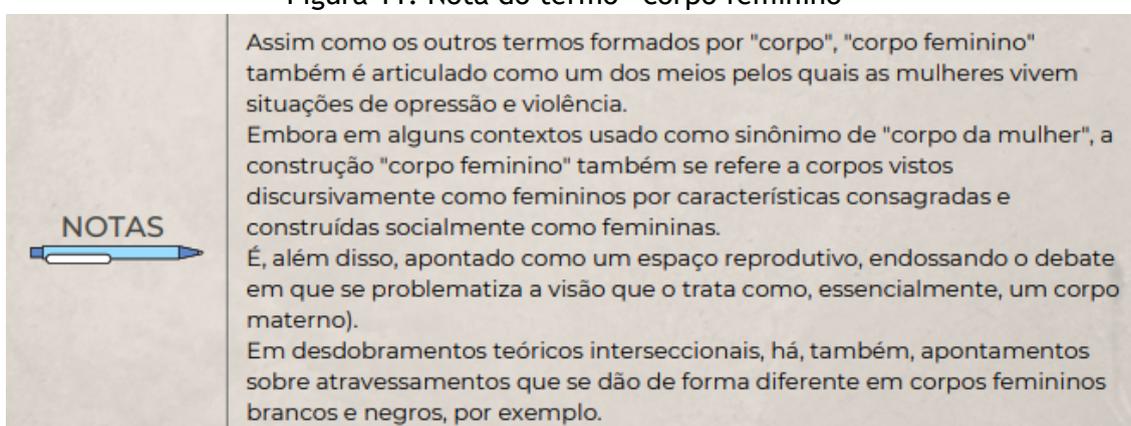
Fonte: elaboração da autora.

4) **Notas extra-contextos** - para diversos termos, com o suporte do conhecimento especializado da pesquisadora, sustentado na leitura e no

estudo de extenso material bibliográfico dos Estudos de Gênero no Brasil, foram elaboradas notas que expandissem os contextos identificados no *corpus*, com o objetivo de apontar traços pertinentes e implicações do termo e de seus usos não constatados nos contextos extraídos.

Para o termo “corpo feminino”, foi destacado, por exemplo, o problema de generalização que certos usos produzem. Assim, foi apontada a contribuição de posições teóricas interseccionais que enfatizam, justamente, que os atravessamentos sociais nos “corpos femininos” são diferentes de acordo com o fator raça envolvido.

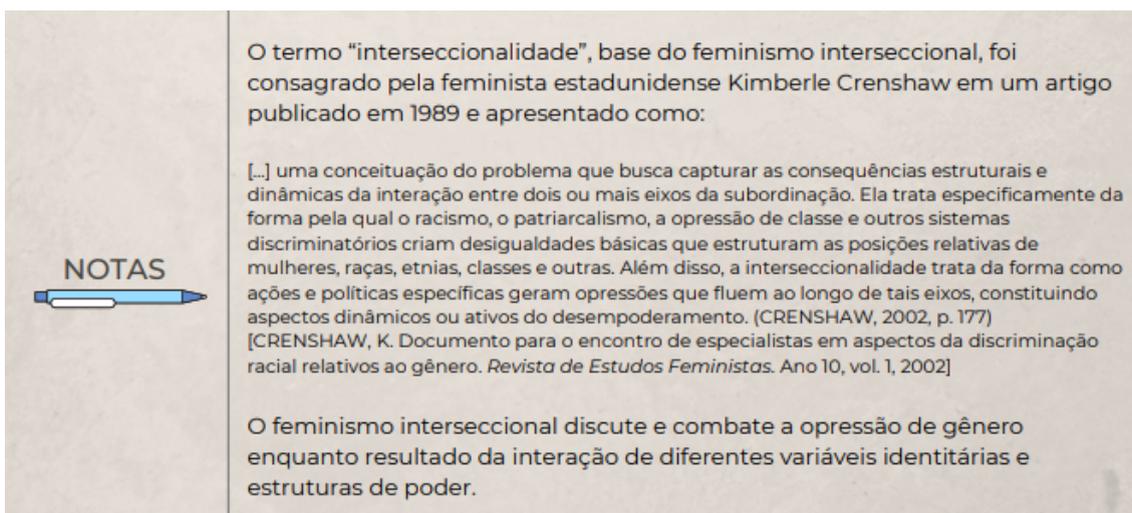
Figura 11. Nota do termo “corpo feminino”



Fonte: elaboração da autora.

Para o termo “feminismo interseccional”, a nota introduziu o termo “interseccionalidade”, no qual essa vertente feminista se baseia, com uma citação direta de um artigo de Kimberle Crenshaw, autora consagrada por sua perspectiva teórica e por sua contribuição a esse campo:

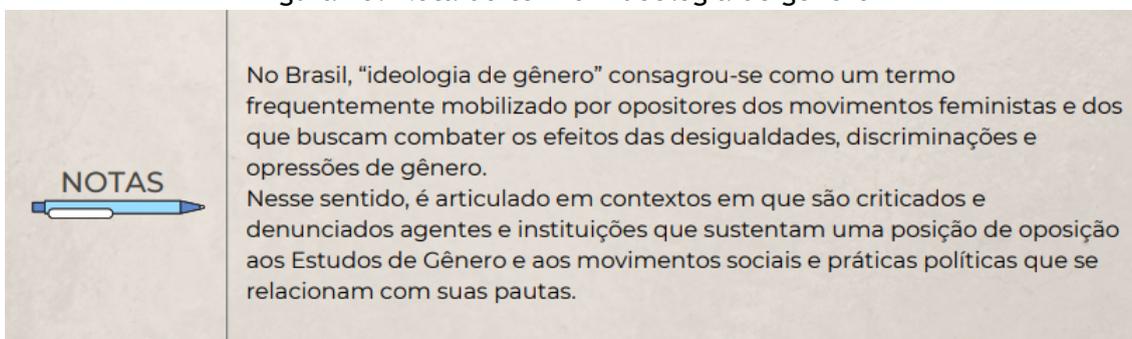
Figura 12. Nota do termo “feminismo interseccional”



Fonte: elaboração da autora.

Em “ideologia de gênero”, a nota acrescenta uma informação sobre a realidade brasileira, em que a articulação do termo implica um ponto de vista de oposição aos Estudos de Gênero e a suas demandas. No entanto, também explica que, em alguns contextos de utilização, especialistas mobilizam o termo justamente para criticar a posição de agentes e instituições que o articulam para opor-se aos Estudos de Gênero.

Figura 13. Nota do termo “ideologia de gênero”



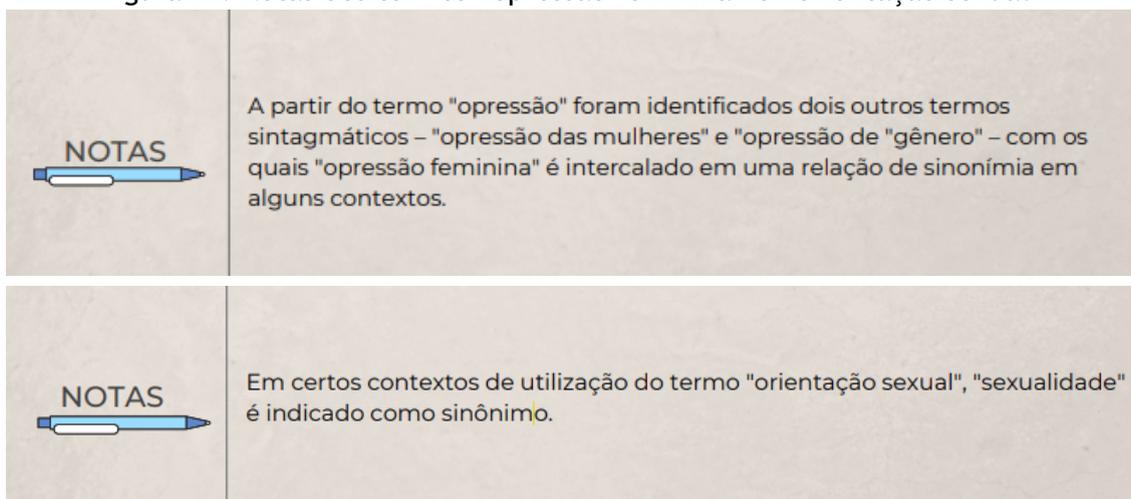
Fonte: elaboração da autora.

5) **Notas com indicação de relações de sinonímia**<sup>12</sup> - neste glossário, optou-se por apontar essa relação quando o intercâmbio das unidades ou um uso extremamente similar foi identificado em contextos do *corpus*. Seguindo, portanto, a metodologia *corpus-driven*, as informações

<sup>12</sup> É importante destacar que este trabalho está acordo com Suárez (2004: 69), que aponta que “a identidade conceitual entre as variantes ou os sinônimos não existe plenamente e, portanto, quando ocorre a troca de variantes ou sinônimos introduz-se de maneira muito sutil ou de forma muito explícita uma alteração no sentido do enunciado”.

apresentadas às pessoas consulentes - ainda que interpretadas pela pesquisadora - são majoritariamente extraídas da própria comunicação especializada analisada. A seguir, dois exemplos de notas que articulam essa reflexão (para os termos “opressão feminina” e “orientação sexual” respectivamente):

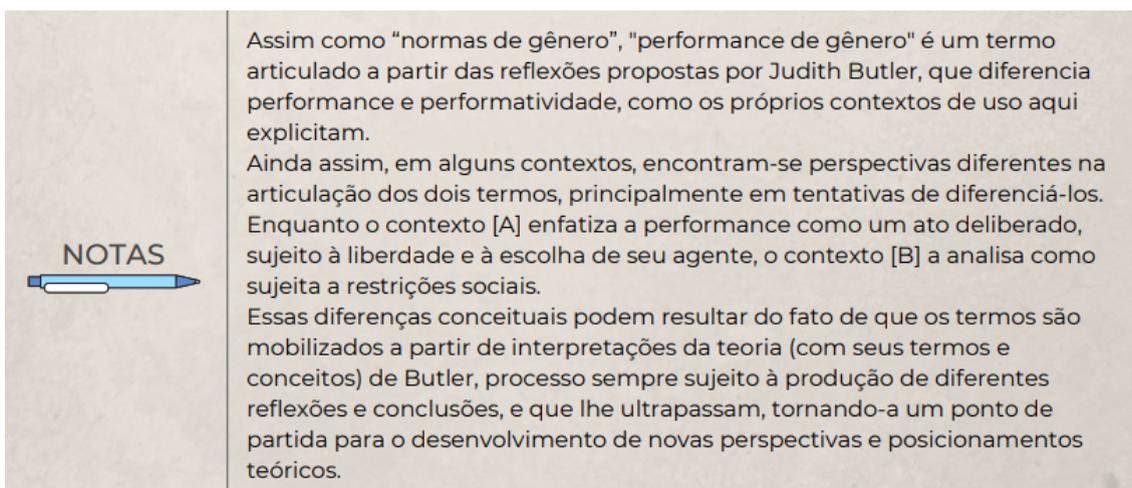
Figura 14. Notas dos termos “opressão feminina” e “orientação sexual”



Fonte: elaboração da autora.

6) **Notas com indicação de variação conceitual** - a variação conceitual “refere-se à diferenciação na conceitualização do termo, dependendo, também, de fatores externos” (KREBS 2016: 23). Para diversas unidades, constatou-se essa divergência, entre as pessoas especialistas, na compreensão, na concepção e na articulação de alguma esfera do conhecimento do campo. Assim, para o termo “performance de gênero”, por exemplo, foi produzida uma nota completa situando o termo a partir de sua relação com outros, como “normas de gênero” e “performatividade de gênero”, mas também explicando dois contextos em que seu uso demonstra uma divergência conceitual - enquanto um enfatiza um caráter deliberado na performance, o outro, de forma contrária, a entende como uma prática sujeita a restrições.

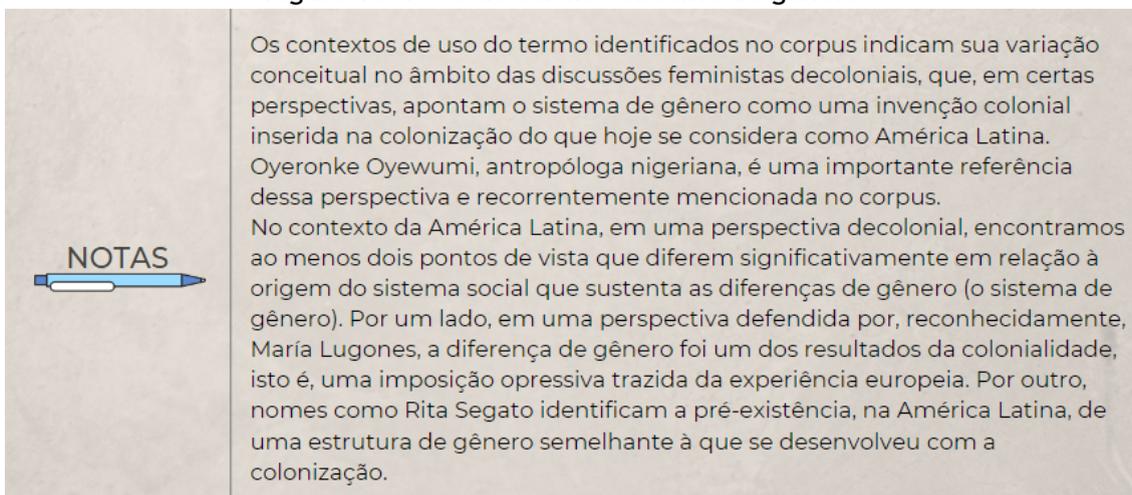
Figura 15. Nota do termo “performance de gênero”



Fonte: elaboração da autora.

Na nota para o termo “sistema de gênero”, aproveitou-se para destacar duas concepções discordantes de duas autoras latino-americanas que, por sua importância, influenciam o debate brasileiro: as argentinas María Lugones e Rita Segato. Enquanto Lugones entende gênero na América Latina como um sistema produto da colonialidade, Segato o identifica no período anterior, preexistente à invasão europeia no território - hoje denominado - latino-americano:

Figura 16. Nota do termo “sistema de gênero”



Fonte: elaboração da autora.

### 3.3. Sobre “ver também”

O último campo que compõe os verbetes foi denominado “ver também” e apresenta às pessoas consulentes a conexão do termo em destaque com outros presentes no glossário; nesse sentido, não apenas indica unidades cujos conceitos se aproximam em significação e/ou uso, mas, também, em diversos casos, termos que se opõem à unidade em questão - também por sua significação (em uma relação de antonímia) e/ou por seu uso no campo. Assim, é proposto como um sistema de cruzamento de informações que “favorece um conhecimento mais abrangente e, ao mesmo tempo, mais detalhado sobre as dimensões semânticas e funcionais do termo” (KRIEGER, MACIEL, BEVILACQUA 2001: 252-253).

Com base nisso, para o termo “equidade de gênero”, por exemplo, indicou-se no “ver também” não apenas “igualdade de gênero”, com o qual, em certos usos, apresenta uma relação de sinonímia, mas também “desigualdade de gênero” e “discriminação de gênero”, termos aos quais se opõe em significação:

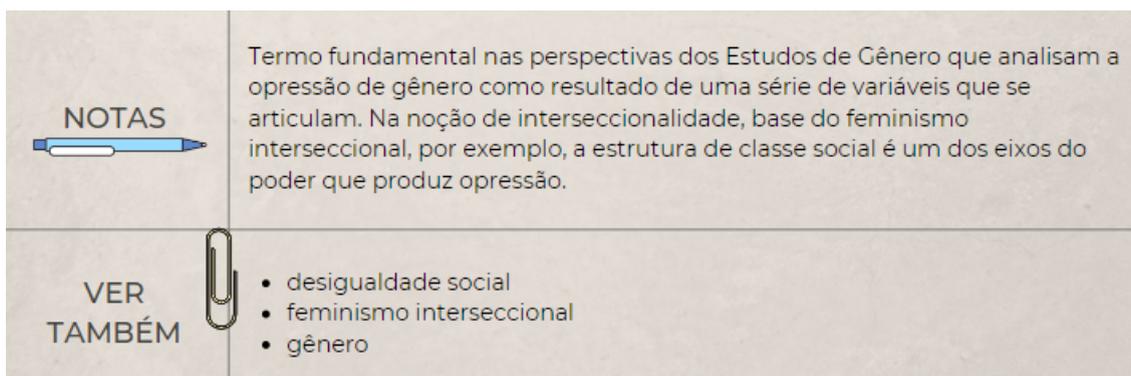
Figura 17. Ver também para o termo “equidade de gênero”

<p>NOTAS</p> 	<p>Assim como “desigualdade de gênero” e “discriminação de gênero”, grande parte dos contextos de uso se referem à esfera profissional e à (desigual) divisão sexual do trabalho. Complementarmente, nesses contextos, “equidade de gênero” é o objetivo da luta contra a “desigualdade de gênero” e a “discriminação de gênero”.</p>
<p>VER TAMBÉM</p> 	<ul style="list-style-type: none"> <li>• desigualdade de gênero</li> <li>• discriminação de gênero</li> <li>• igualdade de gênero</li> </ul>

Fonte: elaboração da autora.

Em “classe social”, por outro lado, o campo “ver também” leva a termos que veiculam conhecimento complementar ao de “classe social” - “desigualdade social”, por exemplo, é um dos resultados do sistema baseado em classe; o “feminismo interseccional” tem “classe social” como um de seus paradigmas fundamentais de análise; e, assim como para essa, para outras diversas perspectivas do feminismo, “gênero” deve ser analisado em sua relação como outras variáveis, como “classe social”:

Figura 18. Ver também para o termo “classe social”

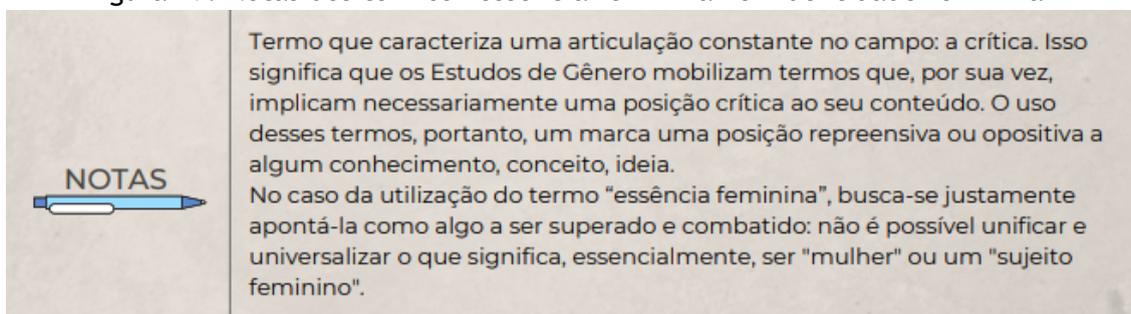


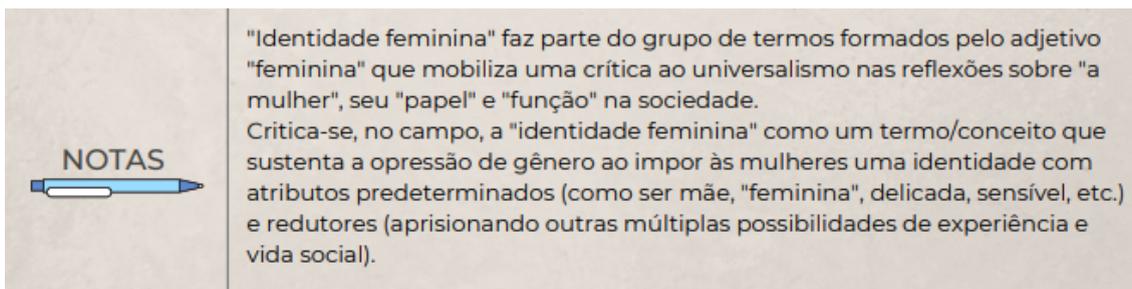
Fonte: elaboração da autora.

### 3.4. Sobre algumas especificidades terminológicas

Em relação ao processo de elaboração deste glossário, realizado ao longo de três anos, com muitas etapas e pesquisas, certamente muitos apontamentos e discussões poderiam ser feitos, mas alguns achados terminológicos merecem destaque. Esse é o caso do que se propõe aqui denominar como “contra-termos”, isto é, unidades que são recorrentes nos Estudos de Gênero, mas especificamente porque veiculam um conhecimento ao qual o campo se opõe. São exemplos disso diversas unidades formadas pelo termo-base “feminina”, que sustentam visões ultrapassadas e combatidas porque generalizam a experiência das mulheres sem levar em consideração variáveis que a singularizam e que precisam ser visibilizadas - assim, a mobilização desses termos invariavelmente articula uma crítica. A seguir, são destacadas as notas produzidas para situar duas unidades desse grupo, “essência feminina” e “identidade feminina”, respectivamente:

Figura 19. Notas dos termos “essência feminina” e “identidade feminina”

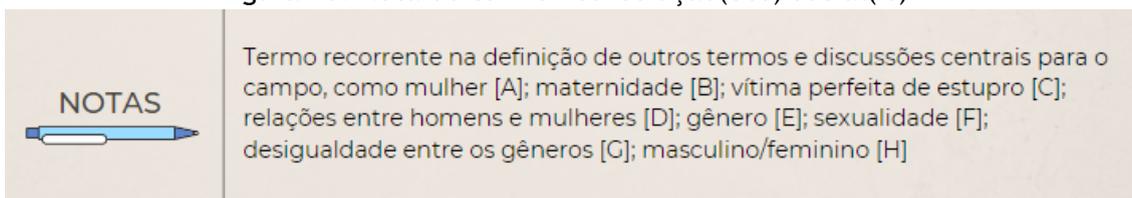




Fonte: elaboração da autora.

Outro importante achado se refere ao termo “construção(ões) social(is)”, para o qual foram elencados oito contextos diferentes de ocorrência tendo em vista sua importância em diversas esferas do conhecimento articulado nos Estudos de Gênero. Trata-se de um termo crucial para o campo porque serve à definição de sujeitos e categorias centrais nas discussões - são definidas como construções sociais, por exemplo, a “maternidade”, a “sexualidade” e inclusive a noção central, “gênero”.

Figura 20. Nota do termo “construção(ões) social(is)”



Fonte: elaboração da autora.

“Gênero”, além disso, também merece menção à parte: como debatido em WAQUIL (2023, no prelo), trata-se de um termo que se destaca não apenas por sua centralidade evidente nos Estudos de Gênero, mas também por “[...] seu caráter relacional, que se desdobra no pressuposto de que as análises e intervenções empreendidas nesse campo de estudos devem considerar ou, pelo menos, tomar como referência as relações de poder e as muitas formas sociais e culturais” (MEYER, SANTOS, OLIVEIRA 2004: on-line).

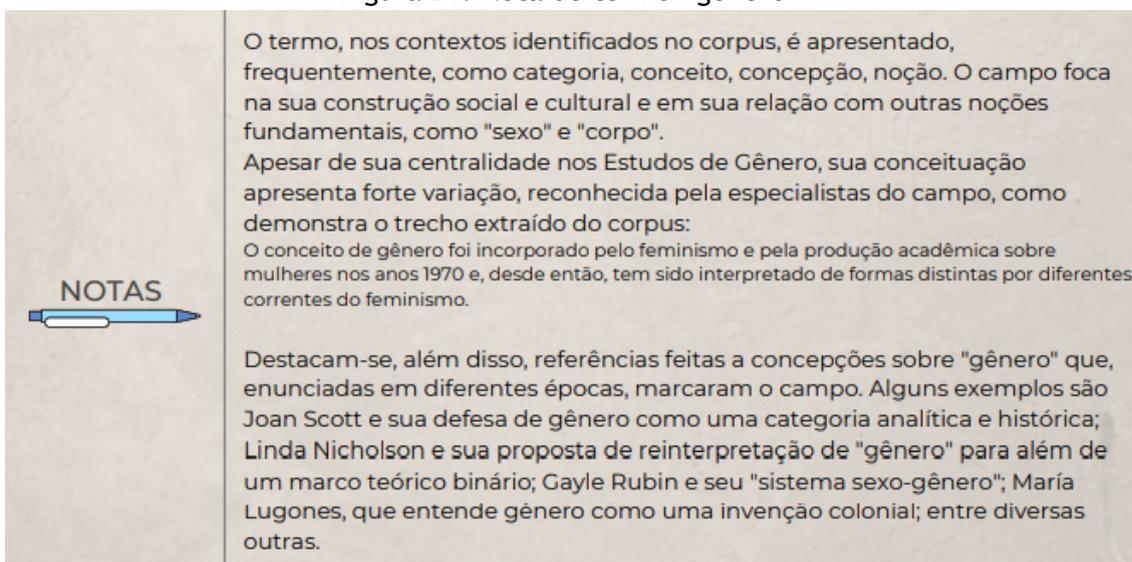
Apropriada e reelaborada por pensadoras feministas a partir dos anos 1960 com o objetivo de questionar e destituir o “procedimento de naturalização mediante o qual as diferenças que se atribuem a homens e mulheres são consideradas inatas, derivadas de distinções naturais, e as desigualdades entre uns e outras são percebidas como resultado dessas

diferenças” (PISCITELLI 2009: 119), a categoria “gênero” viria a servir aos estudos feministas e de mulheres como “ferramenta alternativa aos conceitos e categorias considerados problemáticos” (PISCITELLI 2009: 136). Conseqüentemente, torna-se central para a sistematização dos Estudos de Gênero, que se organizam por meio de diferentes pautas e reflexões baseadas, inicialmente, na crítica e no combate às desigualdades produzidas nas relações de poder entre homens e mulheres para, então, em importantes desdobramentos epistemológicos, incluir novas perspectivas, variáveis e articulá-las com diferentes categorias. No Brasil, no fim dos anos 1980, o campo produz um embate importante, em que se observa “uma gradativa substituição do termo mulher, uma categoria empírica/descritiva, pelo termo gênero, uma categoria analítica, como identificador de uma determinada área de estudos no país” (HEILBORN, SORJ 1999: 4). Como apontado em WAQUIL (2023, no prelo), no entanto, ao longo das últimas décadas, o uso desse termo não foi isento de problemas conceituais: enquanto Moraes identifica “[...] uma utilização restrita e imprecisa de gênero, como sinônimo de homem e mulher” (MORAES 1998: 101), Moschkovich (2018) destaca que um dos usos frequentes de “gênero” é restrito a sua dimensão terminológica, e não conceitual, o que significa que o termo é usado como referência superficial a um objeto e, nesse caso, não são articuladas interpretações teóricas para explicar o caso ou fenômeno sendo pesquisado.

Assim, tanto a importância do termo quanto sua instabilidade instigaram um cuidado redobrado com a unidade para sua apresentação no glossário. Ainda que não seja nesse espaço que pessoas pesquisadoras costumam refletir em profundidade sobre a análise terminológica, em função da importância do termo em questão, foi produzida uma nota com apontamentos importantes, contextuais e introdutórios do debate a seu respeito no campo. Como é possível ver na figura 21, a nota indica a variação conceitual de “gênero” - entendido como “categoria, conceito, concepção, noção” -, apresenta sua relação com outros termos importantes do campo - “sexo” e “corpo” - e indica nomes de importantes e reconhecidas

pesquisadoras que pessoas consulentes interessadas podem buscar para maior aprofundamento em suas perspectivas.

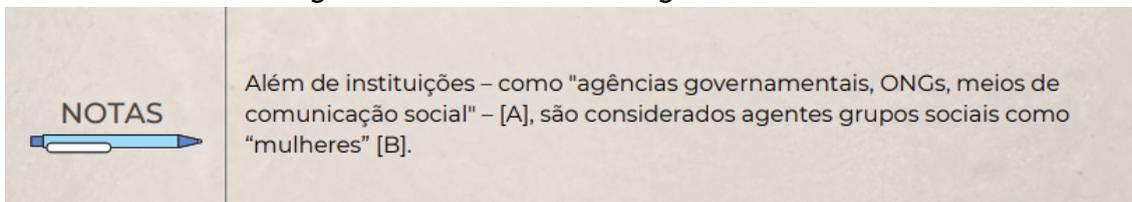
Figura 21. Nota do termo “gênero”



Fonte: elaboração da autora.

A elaboração do glossário também exigiu a realização de conexões terminológicas não explícitas nos contextos, mas que, devido à competência cognitiva adquirida em etapas anteriores (ver 2.1. Delimitação do tema e definição do trabalho), foi possível identificar com detalhado estudo do *corpus*. Na análise do termo “agentes sociais”, por exemplo, com a leitura e o estudo dos contextos de ocorrência, foi possível observar que, nos Estudos de Gênero, tanto instituições, como ONGs, quanto grupos sociais, como “mulheres”, são caracterizados como “agentes sociais”.

Figura 22. Nota do termo “agentes sociais”

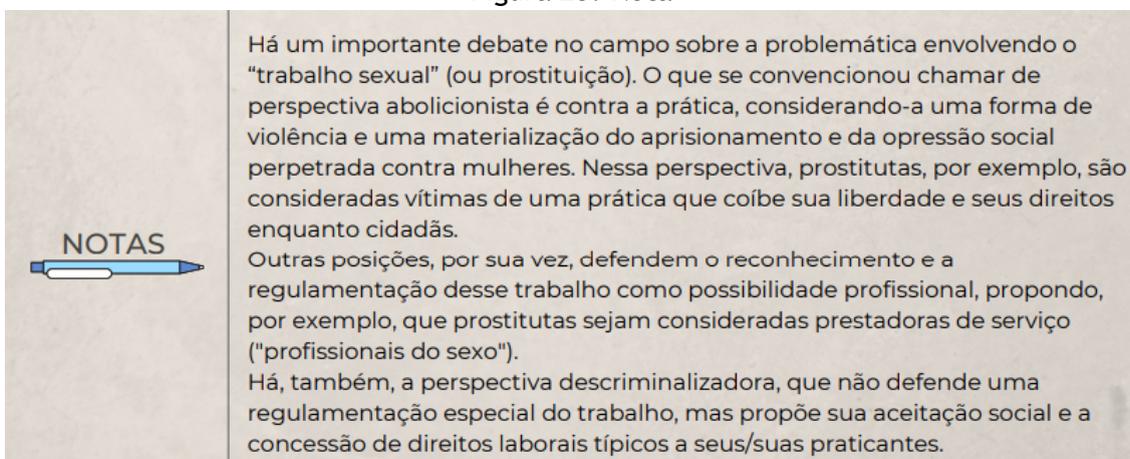


Fonte: elaboração da autora.

O termo “trabalho sexual”, por sua vez, exigiu uma reflexão mais aprofundada e uma pesquisa mais extensa na literatura da área para que fosse possível apresentar às pessoas consulentes do glossário uma visão, ainda que

introdutória, de um importante debate do campo e que produz diferentes perspectivas e concepções sobre essa terminologia e seu conceito:

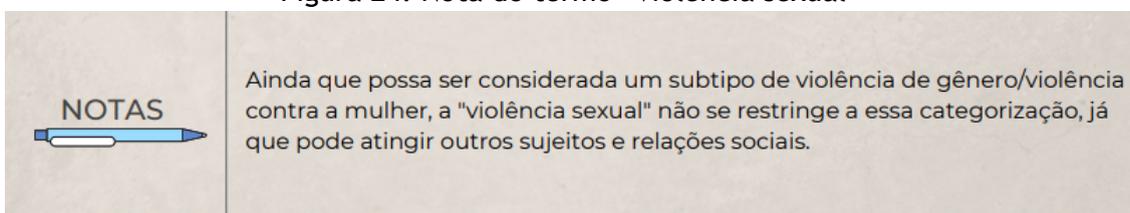
Figura 23. Nota



Fonte: elaboração da autora.

Finalmente, vale destacar a importante análise dos termos derivados da base “violência”, com a qual foi possível observar diferenças conceituais entre as unidades que, no senso comum, muitas vezes são tratadas como sinônimas. Os termos “violência contra a(s) mulher(es)”, “violência de gênero”, “violência doméstica” e “violência sexual” apresentam intersecções de uso e conceituação, mas também importantes distinções que foram destacadas nas respectivas notas. A “violência sexual”, por exemplo, é um subtipo das violências “contra a mulher”, “de gênero” e “doméstica”, que, por sua vez, podem assumir outras formas - como psicológica, verbal, emocional, entre outras.

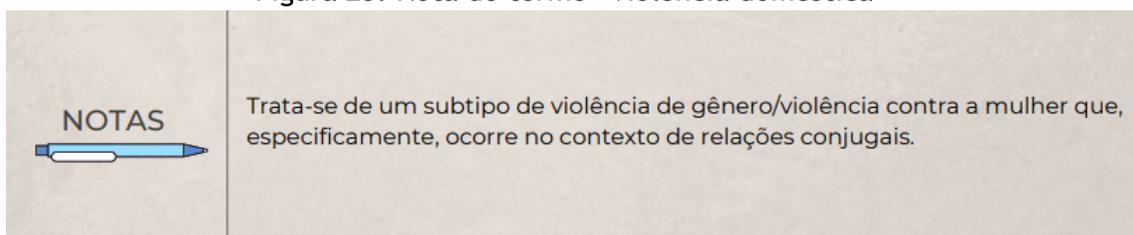
Figura 24. Nota do termo “violência sexual”



Fonte: elaboração da autora.

A “violência doméstica”, por sua vez, é também um subtipo de “violência de gênero” e de “violência contra a(s) mulher(es)”, mas se dá em um contexto específico, o de relações conjugais:

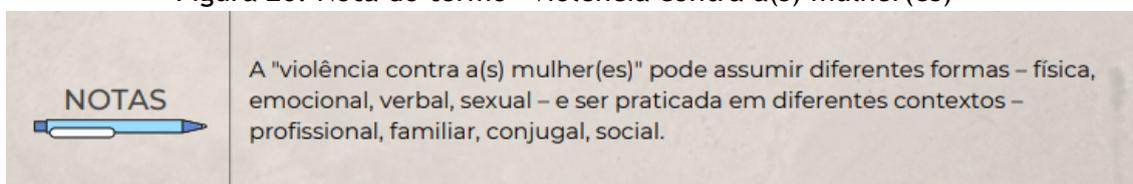
Figura 25. Nota do termo “violência doméstica”



Fonte: elaboração da autora.

A “violência contra a(s) mulher(es)”, no entanto, não se limita a um contexto específico e pode ser observada em diferentes âmbitos da vida social das mulheres:

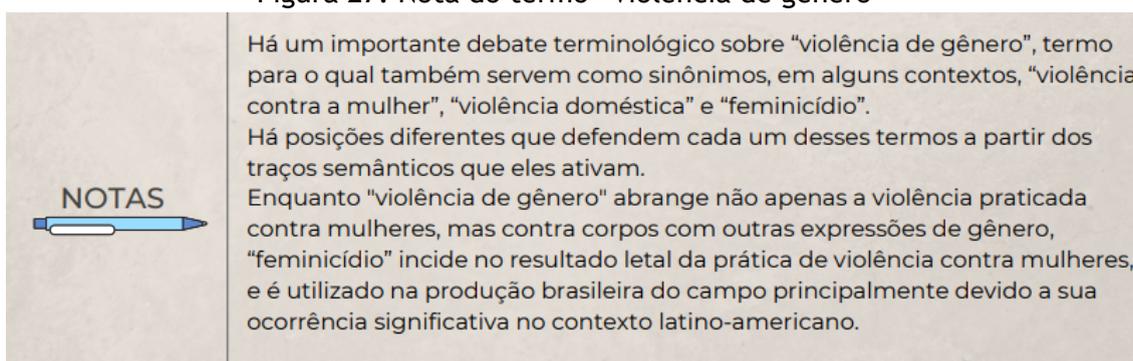
Figura 26. Nota do termo “violência contra a(s) mulher(es)”



Fonte: elaboração da autora.

Além disso, na nota para “violência de gênero”, destacou-se o termo “feminicídio”, que, por não ter sido identificado como palavra-chave na análise do *corpus* e nem nas buscas por termos sintagmáticos, não foi elencado como entrada, mas, por sua importância no contexto social brasileiro, foi introduzido para melhor contextualização do termo em questão:

Figura 27. Nota do termo “violência de gênero”

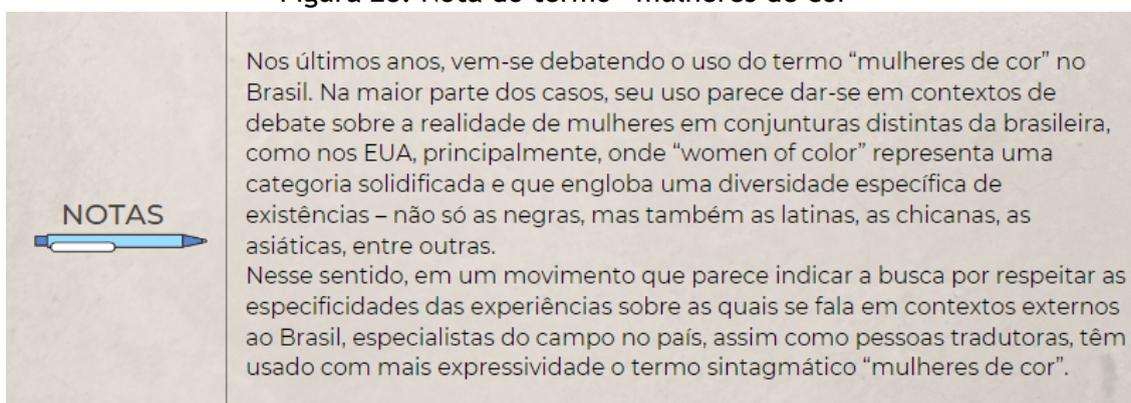


Fonte: elaboração da autora.

Por fim, destaca-se a nota elaborada para o termo “mulheres de cor”, alvo de importante debate no Brasil em função de sua especificidade contextual. Trata-se de uma tradução literal do termo de uso amplo no

contexto estadunidense, “women of color”, que representa, ao mesmo tempo, uma amplitude de mulheres e uma especificidade de categorização recorrente nos EUA. Tendo em vista que, com muita frequência, os Estudos de Gênero no Brasil dialogam com os estadunidenses, a discussão sobre “women of color” é importante e busca dar conta de como expressar essa especificidade em português brasileiro - considerando que não há equivalência total (e talvez nem aproximada) de experiências e sujeitos entre esses dois contextos. A tradução literal, nesse caso, tem sido utilizada justamente para manter a estrangeiridade do termo e do conceito, evitando uma adaptação domesticadora e que produziria uma referência a outras subjetividades que não as articuladas em sua enunciação.

Figura 28. Nota do termo “mulheres de cor”



Fonte: elaboração da autora.

## Considerações finais

Um glossário deriva de um trabalho prático que, no entanto, é invariavelmente orientado por uma(s) perspectiva(s) teórica(s), mas também atravessado pelas subjetividades e variáveis identitárias da pessoa pesquisadora. Este trabalho não fugiu a essa regra: resultou de uma pesquisa de três anos, feita no contexto de um estágio de pós-doutoramento, mas, sobretudo, no período da pandemia, que, além de marcado por incertezas, dificuldades e desafios de toda ordem, foi expressivamente prejudicial para sujeitos que experienciam as mais diversas desigualdades, opressões e violências de gênero. O glossário aqui apresentado busca prestar uma mínima

contribuição para a comunicação especializada do campo do conhecimento que se dedica à reflexão teórica e à ação política que tem como foco combater esse cenário, os Estudos de Gênero.

Este artigo, conseqüentemente, teve como objetivo divulgar os bastidores deste trabalho terminológico/gráfico, feito com o suporte essencial da LC, incluindo as etapas metodológicas aplicadas desde o primeiro momento, com a coleta do *corpus*, até a definição da macro e da microestrutura.

“Um glossário dos Estudos de Gênero no Brasil”<sup>13</sup> tem, até o momento, 218 termos, organizados a partir de 21 termos-base, acompanhados de múltiplos contextos de ocorrência, notas de vários tipos elaboradas pela pesquisadora e um sistema de conexão com outros termos que permite maior apreensão do campo e de sua terminologia. Destaca-se que foi um dos objetivos-guia deste trabalho respeitar e valorizar a instabilidade terminológica e conceitual dos Estudos de Gênero; por isso, o *corpus*, composto pela produção de especialistas, foi a fonte essencial de identificação, extração e análise linguísticas realizadas. Os dados apresentados, ainda que atravessados pela interpretação da pesquisadora e de seu conhecimento e competência, derivam de contextos reais de comunicação e assim devem ser apreciados.

É também relevante destacar que a Terminologia deve ser valorizada como disciplina cujas reflexões podem contribuir enormemente para a comunicação especializada das áreas sobre as quais se dedica. É preciso, portanto, celebrar as pesquisas terminológicas que produzem reflexões teóricas e produtos concretos, como dicionários e glossários, já que colaboram para a sistematização da linguagem e da comunicação que sustenta os mais variados campos do saber humano. Identificar, extrair, discutir e organizar as unidades terminológicas que representam e transmitem conhecimento especializado enriquece as disciplinas e contribui para que a comunicação entre especialistas se dê com mais eficiência e precisão. O presente trabalho buscou prestar essa contribuição para a área de Estudos de

---

<sup>13</sup> Em fase de conversão para meio digital, será, em breve, disponibilizado gratuitamente no site do Projeto Comet: <https://comet.fflch.usp.br/glossarios>.

TradTerm, São Paulo, v.43, p. 154-195

[www.revistas.usp.br/tradterm](http://www.revistas.usp.br/tradterm)

Gênero, campo de comunicação complexa, subjetiva e, como demonstrado, instável.

Ressalta-se, por fim, a LC por seu potencial de auxiliar na produção de afirmações embasadas em critérios e recursos confiáveis, que permitem que passemos das inferências e suposições às confirmações, sustentadas por análises feitas em contextos linguísticos, terminológicos e comunicativos reais.

Além disso, acredita-se que os importantes achados aqui apresentados podem contribuir para outras práticas terminológicas/gráficas com quaisquer outras áreas do conhecimento humano. Espera-se, sobretudo, que este trabalho instigue maior e expressiva autonomia das pessoas pesquisadoras, que, com competência cognitiva no tema de estudo, mas também imbuídas de suas marcas de subjetividade, possam produzir obras terminográficas que sistematizem - e não restrinjam - os fenômenos linguísticos em contextos especializados.

## Referências

- AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS. Mulheres negras são maioria das vítimas de feminicídio e as que mais sofrem com desigualdade social. 30 nov. 2021. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/832964-mulheres-negras-sao-maioria-das-vitimas-de-femicidio-e-as-que-mais-sofrem-com-desigualdade-social/>. Acesso em 8 mar. 2023.
- AUBERT, F. H. Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngue. 2. ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001a.
- AUBERT, F. H. Língua como Estrutura e como Fato Histórico-Social: Consequências para a Terminologia. In: ALVES, I. M. (Org.). A Constituição da Normalização Terminológica no Brasil. Cadernos de Terminologia nº 1. 2 ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001b: 11-15.
- BAKER, P. Using Corpora to Analyze Gender. London: Bloomsbury Academic, 2014.
- BENEVIDES, B. G. Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022. Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2023.
- BERBER SARDINHA, T. Lingüística de corpus: histórico e problemática. DELTA, São Paulo, 16(2), 2000: 323-367. <https://doi.org/10.1590/S0102-44502000000200005>

- BEVILACQUA, C. R. Investigación sistemática en terminología. In: Teoría y Práxis en Terminología. CATALÁ, Sara Álvarez; BARITÉ, Mario (orgs.). Montevideo: Universidad de la República, 2016.
- CABRÉ, M. T. El principio de poliedricidad: la articulación de lo discursivo, lo cognitivo y lo lingüístico en Terminología (I). IBÉRICA, n. 16, 2008: 9-36.
- CABRÉ, M. T. La terminología. Representación y comunicación. Una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, 1999.
- CABRÉ, M. T. Sumario de principios que configuran la nueva propuesta teórica y consecuencias metodológicas. In: CABRÉ, M. T.; FELIU, J. (org.). La terminología científico-técnica: reconocimiento, análisis y extracción de información formal y semântica. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra; Institut Universitari de Lingüística Aplicada. 2001: 17-25.
- COSTA, A. de O. Revista Estudos Feministas: primeira fase, locação Rio de Janeiro. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 12 n. especial, 2004: 211-221. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000300022>
- CUPANI, A. A objetividade científica como problema filosófico. Cadernos Catarinenses de Ensino de Física, v. 6 (número especial), 1989: 18-29.
- DESENVOLVIMENTO SOCIAL, Governo do Estado de São Paulo. Violência contra a mulher é preocupante durante a pandemia. Governo do Estado de São Paulo, 10 mai. 2021. Disponível em: <https://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/violencia-contr-a-mulher-e-preocupante-durante-a-pandemia/>. Acesso em 8 mar. 2023.
- DINIZ, D.; FOLTRAN, P. Gênero e feminismo no Brasil: uma análise da Revista Estudos Feministas. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 12 (n. especial), 2004: 245-253. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000300026>
- FACCHINI, R. Cadernos Pagu: desafios, nossas respostas e novidades. Blog SciELO em Perspectiva: Humanas, [S.l.], 30 jun. 2017. Disponível em: <https://humanas.blog.scielo.org/blog/2017/06/30/cadernos-pagudesafios-nossas-respostas-e-novidades/>.
- FINATTO, M. J. B. Terminologia e Lingüística de Corpus: da perspectiva enunciativa aos novos enfoques do texto técnico-científico. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 39, n. 4, dezembro, 2004: 97-106.
- FISCHER-STARCKE, B. Keywords and frequent phrases of Jane Austen's Pride and Prejudice A corpus-stylistic analysis. International Journal of Corpus Linguistics 14(4), 2009: 492-523.
- FROMM, G.; YAMAMOTO, M. Compilação, reciclagem e padronização de um Corpus Colaborativo de Linguística: percursos metodológicos. Rev. Estud. Ling., Belo Horizonte, v. 29, n. 3, 2021: 2041-2078.

- HEILBORN, M. L.; SORJ, B. Estudos de Gênero no Brasil. In: MICELI, S. (org.). O que ler na Ciência Social brasileira (1970-1995). São Paulo: Editora Sumaré; ANPOCS; Brasília: CAPES, 1999: 183-222.
- HEILBORN, M. Usos e abusos da categoria gênero. In: HOLLANDA, H. B. de (Org.) Y Nosotras Latinoamericanas? Estudos sobre gênero e raça. Fundação Memorial da América Latina, 1992: 39-44.
- ILHA, F. Mais de 1,2 milhão de mulheres negras perderam o emprego na pandemia. *Extraclasse*, 8 mar. 2022. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/movimento/2022/03/mais-de-12-milhoes-de-mulheres-negras-perderam-o-emprego-na-pandemia/>. Acesso em 8 mar. 2023.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Estatísticas do cadastro central de empresas: 2020/IBGE, Coordenação de Cadastros e Classificações. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.
- INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. Violência doméstica contra a mulher na pandemia. 2020. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/violencia-domestica-contr-a-mulher-na-pandemia-instituto-patricia-galvao-locomotiva-2020/>. Acesso em 8 mar. 2023.
- KREBS, L. M. Terminologia e variação conceitual: um estudo de interface com ontologias. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo: 2016.
- KRIEGER, M. G. FINATTO, M. J. B. Introdução à terminologia: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.
- KRIEGER, M. G. Porque lexicografia e terminologia: relações textuais. In: Encontro Círculo De Estudos Linguísticos Do Sul, 8., Pelotas. Anais... Pelotas: Educat, 2008.
- KRIEGER, M. G.; MACIEL, A. M. B.; BEVILACQUA, C. R. Relações semânticas de um dicionário ambiental. In: KRIEGER, Maria da Graça; MACIEL, Anna Maria Becker (orgs.). Temas de terminologia. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universidade/UFRGS/Humanitas/USP, 2001: 252-258.
- MALUF, S. W. As edições eletrônicas da REF (e a democratização do acesso à produção acadêmica e científica). *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 16(1), 2008: 123-127. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000100012>
- MEYER, D. E., Santos, L. H. S., Oliveira, D. L., Wilhelms, D. M. 'Mulher sem-vergonha' e 'traidor responsável': problematizando representações de gênero em anúncios televisivos oficiais de prevenção ao HIV/AIDS. *Revista Estudos Feministas*, 12(2), 2004: 51-76. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000200004>

- MINELLA, L. S. A contribuição da Revista Estudos Feministas para o debate sobre gênero e feminismo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 12 (n. especial), 2004: 223-234.  
<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000300024>
- MORAES, M. L. Q. D. Usos e limites da categoria gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, (11), 1998: 99-105.
- MOSCHKOVICH, M. B. F. G. Feminist Gender Wars: A recepção do conceito de gênero no Brasil (1980s-1990s) e as dinâmicas globais de produção e circulação de conhecimento. Tese de Doutorado. Campinas, Unicamp, 2018.
- PISCITELLI, A. Gênero em perspectiva. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, (11), 1998: 141-155.
- PISCITELLI, A. Gênero: a história de um conceito. In: BUARQUE DE ALMEIDA, H.; SZWAKO, J. (org.). *Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009: 116-148.
- PISCITELLI, A., BELELI, I., LOPES, M. M. *Cadernos Pagu*: contribuindo para a consolidação de um campo de estudos. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 11(1), 2003: 242-246.  
<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2003000100015>
- SALABERT, D. Os impactos da pandemia na população trans. *Jornal Nexo*, 21 maio 2021. Disponível em:  
<https://www.nexojornal.com.br/colunistas/tribuna/2021/Os-impacto-s-da-pandemia-na-popula%C3%A7%C3%A3o-trans>. Acesso em 8 mar. 2023.
- STUBBS, M. The Search for Units of Meaning: Sinclair on Empirical Semantics. *Applied Linguistics*, 30(1), 2009: 115-137.
- SUÁREZ, M. M. La variación denominativa explícita: propuesta de tipologías de casos. *Organon*, v. 18, n. 37, 2004: 187-211.
- TAGNIN, S. E. O. A Linguística de Corpus na e para a Tradução. In: VIANA, V.; TAGNIN, S. (org.). *Corpora na Tradução*. São Paulo: HUB, 2015a: 19-56.
- TAGNIN, S. E. O. Corpus-Driven Glossaries in Translator Training Courses. *Oslo Studies in Language*, Oslo, v. 7, n. 1, 2015b: 359-377. DOI:  
<https://doi.org/10.5617/osla.1447>.
- VALENTE, J. Brasil registrou 140 assassinatos de pessoas trans em 2021. Agência Brasil, 29 jan. 2021. Disponível em:  
<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2022-01/brasil-registrou-140-assassinatos-de-pessoas-trans-em-2021>. Acesso em 8 mar. 2023.
- WAQUIL, M. Um corpus de Estudos de Gênero: por quê, como e para quê? *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 29, n. 2, 2021: 739-770.

- WAQUIL, M. Um glossário dos Estudos de Gênero no Brasil. Disponível em: <https://comet.fflch.usp.br/glossarios>. (no prelo)
- WILLIAMS, G. Many rooms with corpora. *International Journal of Corpus Linguistics* 15(3), 2010: 400-407.
- ZANETTIN, F. Translation-Driven corpora - Corpus Resources for Descriptive and Applied Translation Studies. *Translation Practices Explained*, v. 14. St. Jerome, 2012.